

As particularidades psicológicas da percepção e da atitude aos conflitos

Marcelo Girade Corrêa

São Petersburgo, Junho de 2013

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PRIMEIRO CAPÍTULO

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Os enfoques filosóficos e sociológicos sobre o conflito

1.1.1 A Moderna Teoria do Conflito

1.2 As particularidades psicológicas do estudo do conflito

1.2.1 A Teoria dos Tipos e sua contribuição para o estudo do conflito interpessoais

1.2.2 A Teoria de Campo de Kurt Lewin

1.2.3 A Teoria da Motivação Humana de Abraham Maslow

1.2.4 O conflito na perspectiva da Ciência Ontopsicológica

SEGUNDO CAPÍTULO

PROGRAMA E MÉTODOS DA PESQUISA

2.1 Objetivo, hipótese e tarefas da pesquisa

2.2 Amostra da pesquisa

2.3 Procedimentos da pesquisa

2.4 Métodos da pesquisa

TERCEIRO CAPÍTULO

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

3.1 Característica geral da amostra

3.2 Análise comparativa

3.2.1 Comparação de gênero

3.2.2 Comparação por grupos destacados por idade

3.2.3 Comparação por grupos destacados pela escala de maturidade pessoal

3.2.4 Comparação dos grupos destacados pela avaliação da dificuldade percebida em resolver conflitos nos contextos “família”, “trabalho”, “negócios particulares”, “amigos” e “sexo oposto”

3.3 Análise de correlação

3.3.1 Correlação entre escala de maturidade pessoal e escala de satisfação pessoal

3.3.2 Correlação entre escala de maturidade pessoal e estilos de resolução de conflitos

3.3.3 Correlação entre escala de maturidade pessoal e o teste Big Five

CONCLUSÃO

RESUMO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

O que determina, preliminarmente, a possibilidade do indivíduo resolver seus conflitos de forma positiva para si e para o contexto em que está em relação? Qual o ponto de partida para analisar um conflito, sua causa, seus resultados e a solução que traz a maior vantagem para os envolvidos? Esses dois questionamentos estão na base dos estudos e das investigações sobre o ser humano quando este se encontra em uma situação de conflito, seja ele intrapessoal, interpessoal, dentro de grupos, entre grupos ou entre nações.

De fato, o conflito entre indivíduos e grupos é um fenômeno tão antigo quanto o próprio homem. A contraposição de interesses, idéias, desejos e necessidades é parte integrante da vida do homem em sociedade. A disputa por poder, por territórios, pelo primado econômico, pelo domínio de uma ideologia ou religião ensejou e ainda enseja lutas, confrontos, guerras, massacres e incontáveis lides sociológicas e jurídicas.

Visões diferentes sobre o homem e a sua natureza procuraram explicar as raízes desses fenômenos. De Aristóteles, que considerava o homem um ser social, destinado ao convívio harmonioso com seus pares a Hobbes que entendia o homem como lobo do próprio homem, ressaltando a natureza vil do ser humano, incapaz de conviver com seu semelhante a não ser pela interferência e controle de um poder maior que o constringe a manter relações pacíficas. Qual dessas duas idéias melhor explicava a natureza do homem?

As duas grandes guerras mundiais pareciam dar a resposta. A humanidade havia feito grandes avanços tecnológicos organizando-se em cidades, desenvolvendo meios de produção cada vez mais eficientes, fazendo descobertas científicas na área da medicina, da física, da química, da matemática, da engenharia e tantas outras. No entanto, essa mesma humanidade permanecia em conflito consigo mesma, deflagrando movimentos de violência entre nações, onde eliminar o próximo parecia a única alternativa para resolver divergências históricas e também pontuais.

Paralelamente, à medida em que essas trágicas linhas foram sendo escritas na nossa história, sociólogos, antropólogos, psicólogos, economistas, juristas e tantos outros estudiosos procuraram compreender como a raça humana havia chegado até

àquele ponto. Dezenas de institutos, centros e departamentos voltados à análise do conflito e à pesquisa sobre a paz foram criados a partir da iniciativa pioneira da Universidade de Lyon – França, que estabeleceu a cátedra de Estudo das Instituições Internacionais para Organização da Paz, no início da década de 1930. Após a Segunda Guerra Mundial, as nações começaram a compreender que não poderiam voltar ao confronto armado naquelas proporções. A Organização das Nações Unidas nasceu, além de outros fins, com a premissa fundamental de deter a guerra e promover a paz entre os povos, objetivo semelhante à sua antecessora, a Liga das Nações, estabelecida após a Primeira Guerra Mundial, pelo Tratado de Versalhes.

Novos ramos de estudo como a Polemologia, que se propõe ao estudo científico das guerras e seus efeitos, formas, causas e funções enquanto fenômeno social, surgiram como resposta à necessidade do homem de compreender porque lutamos uns contra os outros. A partir de investimentos progressivos feitos, sobretudo em campos universitários, novas teorias foram desenvolvidas para tentar explicar as interações humanas que geram conflitos na economia, na política, no mercado e tantas outras áreas. Muitos avanços foram feitos enquanto indivíduos e nações forneciam farto material de estudo e observação, na medida em que continuavam e continuam tentando resolver suas diferenças por meio de ameaças e ataques mútuos. Da guerra fria aos conflitos do Oriente Médio. Das gangues nas grandes cidades às intermináveis batalhas judiciais nas áreas trabalhistas, familiar, contratual e de vizinhança, passando, sempre, pelos conflitos ocasionados por crenças religiosas.

Analistas sociais, psicólogos, escritores, filósofos e diversos outros expoentes pareciam concordar com uma conclusão evidente: o homem não conseguia explicar a si mesmo. Não conseguia, portanto, se resolver. Mesmo as principais correntes da psicologia haviam tentado demonstrar as raízes do conflito interno no indivíduo que, depois, se manifestavam em conflitos externos. A descoberta do universo inconsciente do homem abriu uma grande estrada de investigação que sinalizava a possibilidade de responder a pergunta: *O que determina, preliminarmente, a possibilidade do indivíduo resolver seus conflitos de forma positiva para si e para o contexto em que está em relação?*

Faltava aos pesquisadores exatamente a compreensão daquele *a priori*, daquele momento antes, onde o indivíduo se posiciona em antecipação a qualquer ação. Sabia-se da existência desse universo inconsciente, mas os pesquisadores e

estudiosos não conseguiam explicá-lo, evidenciá-lo de forma científica. Faltava o instrumento que permitisse a análise exata do objeto de pesquisa, da sua forma, do seu funcionamento, da sua dinâmica. Assim como temos a evidência do nosso corpo humano, sem os instrumentos que nos permitem conhecê-lo na essência de seu funcionamento, não podemos compreender e intervir na sua dinâmica para permitir que atue em pleno regime ou para eliminar uma disfunção.

Mesmo hoje, os últimos estudos se concentram na análise do fenômeno, uma vez que não se consegue compreender suas causas. Descrevem e prescrevem quais são os tipos de comportamento que podem resultar em soluções positivas. Delineiam as características dos processos competitivos e cooperativos. Ressaltam as vantagens dos resultados que prevêm ganhos mútuos e alertam para o que poderiam ser consideradas barreiras à resolução criativa de um conflito. No entanto, não existe um consenso sobre o que determina, epistemologicamente, a pré-disposição do indivíduo para resolver situações de conflito de forma criativa, onde a solução preserve seus interesses e os dos outros ou aqueles do contexto. Algumas teorias se concentram nos aspectos de psicologia cognitiva, investigando os processos de percepção e conhecimento do indivíduo frente ao conflito. Outras, concentram-se nos aspectos de influência social no comportamento do sujeito. Muitas delas se complementam, mas, mesmo em conjunto, não conseguem fornecer uma explicação integral dos motivos que pré-orientam o indivíduo quando este se encontra na tensão entre satisfazer seus interesses e aqueles do ambiente circunstante.

A hipótese de que existe uma condição preliminar que determina, em maior ou menor grau, a possibilidade de um indivíduo resolver de forma positiva seus conflitos foi a motivação fundamental da presente pesquisa. Entendemos que essa resposta só pode ser fornecida por uma ciência que compreende o homem na sua integralidade, portanto em todos os seus aspectos de forma exata. A Ontopsicologia, pelo fato de conhecer os instrumentos que explicam a dinâmica do homem, permite a possibilidade de compreender, em primeira atualidade, o que gera ou causa seu comportamento e, portanto, os previsíveis resultados.

A partir de uma visão do homem como um protagonista responsável, baseado em um potencial específico, que é capaz de realização pessoal na sua existência histórica, a ciência ontopsicológica fornece os contornos da condição de maturidade do indivíduo. São premissas que enquanto não verificadas impedem que o sujeito, na

sua individualidade, se posicione positivamente e criativamente frente aos seus conflitos. Alcançando a maturidade, na ótica ontopsicológica, o homem é capaz de resolver a si mesmo continuamente e, por conseqüência, os conflitos das inevitáveis contraposições dialéticas que se interpõem no seu processo de crescimento e autorrealização.

PRIMEIRO CAPÍTULO

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Os enfoques filosóficos e sociológicos

No que parece ser uma ironia da própria história, a construção de uma teoria que explicasse o conflito surge, em grande medida, do conflito clássico entre visões sociológicas divergentes. Thomas Hobbes sinaliza ser o primeiro a construir uma perspectiva sociológica das condições da formação dos conflitos ao afirmar que, por natureza, o homem é lobo do próprio homem. Isso significa dizer que a luta de todos contra todos é natural da vida em sociedade, uma vez que existem forças que inevitavelmente colidem na busca da satisfação dos interesses. Para evitar a aniquilação da própria sociedade, seria necessária uma força que estivesse acima da vontade de todos, garantindo uma ordem social pelo domínio absoluto e pelo controle estrito das vontades. Auguste Comte utiliza e aceita tais premissas, introduzindo, como tentativa de explicar o que permite resolver o conflito, a ideia de progresso, onde a ordem não necessitaria de ser garantida por meio da coação externa, uma vez que o positivismo e o crescimento inauguram a era da racionalidade, pondo fim à era dos conflitos sociais (Boudon, 1992).

Na direção contrária, Marx entende a sociedade natural como uma comunidade harmoniosa onde predomina a concórdia e a solidariedade, o que não permite o conflito, uma vez que os homens não possuem, por natureza, interesses contraditórios que os levem ao confronto de forma inevitável. Na visão marxista, é a sociedade, e não o homem, que estimula o conflito entre seus pares. Marx se referia, aqui, a uma sociedade baseada na busca desenfreada pelo lucro e pela propriedade pessoal sem limites. A guerra de todos contra todos, portanto, seria presente na sociedade baseada na propriedade privada e não na comunidade natural. A revolução social, portanto, seria necessária para transformar as condições econômicas injustas na sociedade, contribuindo para um contexto onde, resolvida a questão da desigualdade dos meios de produção, estariam também resolvidos os conflitos, uma vez que esses não seriam mais necessários. Atender os interesses comunitários em detrimento dos interesses individuais levaria a uma ordem social mais justa e, conseqüentemente, livre de conflitos.

Considerado um dos pais da sociologia moderna e fundador da escola francesa, Émile Durkheim defende a implementação funcional da divisão do trabalho social como forma de erradicação do confronto. A integração social seria garantida por regras de cooperação e troca de serviços entre os que participam do trabalho coletivo. A unidade social, portanto, seria o fruto da consciência e adesão individual às normas coletivas. Na medida em que os indivíduos são capazes de integrar-se a essa estrutura de normas, então estaria garantida a possibilidade de realização pessoal sem a necessidade de confrontos que colocam em risco a coesão social.

Hobbes, Marx, Comte e Durkheim, de certa forma, estão alinhados no pensamento que sinaliza uma evolução histórica da sociedade, passando do confronto à pacificação. Essas teorias sociológicas evolucionistas são, entretanto, divergentes quanto às causas e aos meios, na medida em que cada uma propõe diferentes caminhos para se alcançar o mesmo fim: uma sociedade livre de conflitos. Entretanto, a crítica que se faz a essas abordagens está relacionada a uma visão fortemente reducionista do conflito e suas causas, dificultando uma teoria satisfatória do conflito que ajude a explicar esse fenômeno social e individual. Sobretudo para Marx e Durkheim, “a existência do conflito baseia-se num determinismo estrutural que pouco se preocupa com a intencionalidade dos atores: nas sociedades onde reina uma certa forma de “patologia”, o confronto é como que inferido de uma distribuição disfuncional dos papéis sociais, provocada num dos casos pela propriedade privada dos meios de produção, e no outro por sua transmissão hereditária ou ainda por um excesso de especialização. Pouco importa, portanto, o próprio desenrolar do conflito, sua intensidade, sua regulação, a ideologia que o expressa, os méritos dos atores que nele se empenham a partir dos mais diversos riscos; essas abordagens sociológicas, em sua elaboração mais sistemática, não nos ajudam a compreender os conflitos em si.”¹

O ângulo de observação do conflito e suas causas muda radicalmente com a introdução, por Max Weber, de uma compreensão das relações conflituosas a partir da intencionalidade dos indivíduos em contraposição à corrente dominante do determinismo estrutural. São considerados não apenas os valores das instituições sociais, mas também aqueles dos atores individuais. Para Weber, a luta seria “uma

¹ BOUDON, Raymond (org.). Tratado de Sociologia. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1995.

relação social na medida em que a atividade é orientada pela intenção de fazer triunfar sua própria vontade contra a resistência do ou dos parceiros”. Essa luta implicaria uma “concorrência quando é conduzida no sentido de uma procura formalmente pacífica de um poder próprio para dispor de oportunidades que outros também solicitam”. A perspectiva proposta por Weber amplia a causalidade da interveniência dessa concorrência de vontades a uma multiplicidade de elementos, partindo da força física e passando pelas capacidades intelectuais e organizacionais, incluindo também os aspectos do carisma da mesma forma como as retóricas concebidas para a sustentação dos argumentos. A percepção weberiana do conflito implica, portanto, em uma quebra de paradigma ao transcender a compreensão da origem do conflito baseada apenas no aspecto econômico representado nas relações de produção ou no estado da divisão do trabalho. Para compreender as interações sociais conflituosas, Weber também atribui importância à vontade dos indivíduos de querer satisfazer suas necessidades de poder, riqueza, prestígio etc. A partir do pensamento de Weber, o conflito passa a ser visto como algo “normal” e não “patológico”, transformado em um conceito analítico aplicável a todo sistema social. A perspectiva de eliminação do conflito pela revolução social ou pelo fortalecimento das normas cívicas de convivência é alterada pelo pensamento de Weber ao ressaltar o aspecto da busca dos indivíduos pela satisfação das suas vontades como algo ineliminável na sociedade, afirmando que “é impossível, de acordo com a experiência vivida até os dias de hoje, eliminar a luta da realidade” (Weber, 1922).

Podemos considerar que as bases modernas sobre o estudo do conflito na sociedade foram estabelecidas a partir do trabalho desenvolvido pelo filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel. Em uma de suas principais obras, *Sociologia*², Simmel dedica um capítulo, transformado em livro posteriormente, ao estudo do conflito. Suas contribuições fundamentais para o campo da resolução de conflitos estão relacionadas à sua visão do conflito como uma forma de alcançar um determinado tipo de unidade. Para ele, “o conflito, uma das formas mais vivas de interações que não pode ser realizada por um único indivíduo, constitui um processo de associação. Os fatores de dissociação – o ódio, a inveja, a necessidade, o desejo – são as causas do conflito; o conflito eclode por causa deles. O conflito tem como missão, por conseguinte, resolver esses dualismos divergentes; constitui uma maneira

² *Sociology: Investigations on the Forms of Sociation* - 1908

de reconstruir uma certa unidade, ainda que através da destruição completa de uma das partes em conflito” (Simmel, 1908 [1964], p. 13-14). Portanto, Simmel compreende o conflito não como um processo patológico desenvolvido pela sociedade e sim como algo positivo, assegurador da unidade social.

O autor se dedicou tanto ao estudo dos conflitos interpessoais e de grupo, em contextos menores, como conflitos entre Estados vizinhos e facções rivais de uma mesma organização política ou religiosa. Simmel elabora uma tipologia da resolução dos conflitos analisando as dimensões da vitória, do compromisso, da conciliação e da evasão, esta última entendida como a rejeição de soluções que permitam a coexistência. Décadas depois, esses estudos ensejariam o arcabouço teórico que permite explicar as estratégias mais comuns frente às situações de tensão onde os interesses de duas ou mais partes estão em jogo. Entre os fundadores da sociologia, o nome de Simmel é o que está mais fortemente ligado à teoria do conflito, inspirando, em grande parte, os trabalhos contemporâneos sobre o tema.

1.1.1 – A Moderna Teoria do Conflito

As ideias de Marx, Weber e Simmel, após algumas décadas de intervalo, ressurgem em terras norte-americanas a partir da década de 1950, capitaneadas pelos sociólogos alemães Lewis Coser e Ralph Dahrendorf. Coser, foi o primeiro sociólogo a tentar reunir as correntes do funcionalismo estrutural e a teoria do conflito.

Inspirado nas ideias de Simmel, Coser, já em uma leitura contemporânea, vê o conflito revestido de uma função social, onde o mesmo permite “estabelecer e manter a identidade e as fronteiras entre as sociedades e os grupos” (Coser, 1956). Sem conflitos, uma sociedade não atinge a estabilidade, uma vez que é necessário que os conflitos sejam manifestados para que seja alcançada uma integração social. Coser acredita, no entanto, e ao contrário de Simmel, que a funcionalidade do conflito existe somente se forem criados mecanismos institucionais para absorvê-lo, mantendo, assim um *status quo* necessário para evitar mudanças radicais. Essa visão tem seu contraponto no pensamento do sociólogo, filósofo e cientista político Ralf Dahrendorf, que entende o conflito também com a função social de mudança e desenvolvimento e não apenas para manter a estabilidade. Para este autor, a ordem social seria mantida por aqueles que estão no comando e os conflitos surgem, então,

entre aqueles com autoridade e aqueles que não a possuem. Para fins deste trabalho, ressaltamos uma das ideias centrais de Dahrendorf relacionadas aos interesses latentes e aos manifestos. Segundo ele, os interesses latentes são interesses naturais que emergem inconscientemente em conflitos entre superiores e subordinados. Portanto, os interesses manifestos seriam interesses latentes que necessitam ser realizados. Essa definição é particularmente importante para compreendermos, mais adiante, a diferença entre interesses e posições utilizada pela abordagem de Harvard de negociação.

Outros autores e estudiosos do fenômeno a que chamamos conflito iniciaram, a partir do fim da década de 1960 e início dos anos 1970 os contornos do nascente campo de estudos chamado Resolução de Conflitos. Assim, temos marcos importantes que permitiram a pesquisa e o desenvolvimento em âmbitos mais amplos e menos polarizados como vimos acontecer com as abordagens funcionalista e da teoria do conflito.

Exponentes como Kenneth Boulding, Herb Kelman, Anatol Rapoport e outros fundaram, em 1957, nos Estados Unidos, o *Journal of Conflict Resolution*. Para exemplificar a amplitude que o tema vinha ganhando, o matemático russo Rapoport, fez importantes contribuições para essa revista por meio de estudos relacionados à teoria dos jogos aplicada ao conflito.

Alguns anos mais tarde, o sociólogo norueguês Johan Galtung funda o *Journal of Peace Research*. A visão social sobre o conflito ganha uma importante contribuição com Galtung quando esse faz a correlação entre violência e a possibilidade de evitar a ameaça às necessidades humanas básicas, como segurança e identidade, por exemplo. Entre as principais contribuições desse autor estão os conceitos de violência direta e violência estrutural, assim como paz negativa e paz positiva. No caso das categorias de violência, a forma direta seria aquela que conhecemos do cotidiano onde um indivíduo ou um grupo sofre uma dor física ou emocional como resultado de uma ação direta. Já a violência estrutural seria causada pelas estruturas sociais e instituições onde o resultado é a desigualdade e a opressão entre os indivíduos. A classificação que Galtung imprime para a paz segue um caminho similar. A paz negativa está relacionada com a percepção tradicional de paz como ausência de guerra. A paz positiva, no entanto, inclui não somente a ausência de guerra como

também a inexistência de violência estrutural, o que permitiria a conquista da paz por longos períodos de tempo.

Na década de 1970, a moderna teoria do conflito é oxigenada pelas pesquisas e estudos do psicólogo social Morton Deutsch sobre processos competitivos e colaborativos³. Considerado um dos fundadores do campo de estudos da Resolução de Conflitos, Deutsch faz importantes reflexões sobre as funções do conflito para indivíduos e grupos. Particularmente importante para o objeto de estudo do presente trabalho, Deutsch sinaliza com clareza os comportamentos que podem levar à cooperação ou à competição em situações de conflito. Em grande medida, os estudos modernos sobre o conflito, suas causas e formas de administração e resolução emprestam de Deutsch muitos dos seus conceitos e descobertas.

1.2 As particularidades psicológicas do estudo do conflito

Ao passo em que as análises filosóficas e sociológicas sobre o conflito têm como ponto de partida o mundo externo e os fenômenos nele percebidos na coletividade, a análise psicológica se concentra no exame dos conflitos intrapsíquicos vivenciados pelo homem como indivíduo.

O percurso traçado aqui investiga as principais descobertas e estudos realizados por cientistas e pesquisadores, mantendo o foco principal naquilo que pode ajudar a responder os questionamentos principais do presente trabalho: *O que determina, preliminarmente, a possibilidade do indivíduo resolver seus conflitos de forma positiva para si e para o contexto em que está em relação? Qual o ponto de partida para analisar um conflito, sua causa, seus resultados e a solução que traz a maior vantagem para os envolvidos?*

As investigações primeiras convergem para a obra de Sigmund Freud e sua perspectiva psicanalítica do ser humano. Ao propor uma teoria da personalidade que enfatizava a importância do inconsciente como fonte dos fenômenos, Freud abriu uma nova estrada para a compreensão do homem. Em linhas gerais, a teoria psicanalítica sinalizava que a experiência, a cognição e o comportamento humanos são largamente determinados por impulsos irracionais que, na sua grande maioria, são inconscientes.

³ *The Resolution of Conflict: Constructive and Destructive Process* (1973).

As tentativas de trazer tais impulsos para a consciência encontram uma resistência psicológica traduzida em mecanismos de defesa. Os conflitos entre consciente e inconsciente (material reprimido) podem resultar em distúrbios mentais como neuroses, ansiedade, depressão etc.⁴

Freud entendia a estrutura do homem de maneira dicotômica. A partir dessa visão, sinalizou que o conflito intrínseco do ser humano está na tensão em atender aos impulsos de dois instintos básicos: instinto de vida (eros) e instinto de morte (tanatos). O instinto de morte seria representado pelos impulsos em direção à auto-destruição, ao ódio, à repetição, à estagnação e à negatividade. O instinto de vida seria, em oposição, a tendência em direção à sobrevivência, à propagação, ao sexo e a outros impulsos criativos de vida.

Por meio da observação do comportamento de seus pacientes, Freud notou diversas incoerências entre o que indivíduo observado revelava que era sua vontade consciente e o que realmente fazia. A partir dessas observações, Freud deduziu que: “se a pessoa possui uma vontade consciente de vencer um sintoma mas é incapaz de fazê-lo, e o problema não é orgânico, então alguma contra-vontade inconsciente deve estar bloqueando a volição consciente”.⁵

A partir de tais ideias de Freud sobre os conflitos internos, outros pesquisadores desenvolveram suas teorias em base às teorias psicanalíticas sobre o ser humano. Karen Horney nos ajuda a fazer um contraponto ao trabalho de Freud, uma vez que desenvolveu sua própria teoria sobre os conflitos internos baseados em seus estudos sobre a neurose, feitos a partir de seu trabalho direto com seus pacientes. Enquanto Freud entendia o conflito interno a partir da repressão dos impulsos como forma de adaptação às exigências do mundo externo, Horney acreditava que nossos conflitos advinham da tensão entre um “eu real” e um “eu ideal”. A neurose acontece, dentro dessa ótica, quando a pessoa se sente dividida entre um “eu idealizado” e o seu “eu real”. Uma outra divergência fundamental atribuída a ela em relação a Freud era sua concepção otimista em relação ao ser humano. Ela compartilhava a visão de Maslow sobre a auto-atualização ou autorrealização, apresentada em sua mais importante

⁴ Referências obtidas em pesquisa feita na Wikipedia utilizando o termo “psychoanalysis”.

⁵ Ederly, 1985 APUD WESTEN, Drew in *The Scientific Legacy of Sigmund Freud: Toward a Psychodynamically Informed Psychological Science*. Psychological Bulletin, 1998, Vol. 124, No. 3, pg. 345.

obra⁶, como algo que todo ser humano necessita e almeja. No entanto, para ela, este estado de querer se autorrealizar é uma manifestação da pessoa saudável, que deseja cumprir seu propósito na vida, ao contrário da pessoa neurótica que se concentra em algumas necessidades específicas que a impedem de se realizar.

Uma das mais importantes contribuições para o presente trabalho é retirada da obra de Carl Jung. Na esteira das descobertas e teorias formuladas por Sigmund Freud, Jung também se dedicou a investigar a relação entre consciente e inconsciente fundando a perspectiva analítica em reação à perspectiva psicodinâmica estruturada por Freud. Um dos conceitos centrais de Jung é o de “individuação”, termo utilizado para definir o processo de desenvolvimento pessoal que envolve o estabelecimento de uma conexão entre ego e *self*.

Enquanto Freud procurava evidenciar o conflito entre as pulsões do sujeito, sinalizando a perenidade dessa tensão, Jung, mesmo consciente dessa possibilidade, direcionou sua investigação na busca de uma integração dessas forças. Assim, para Jung, o ego é o centro da consciência e o self é o centro de toda a psique, incluindo tanto o consciente quanto o inconsciente. Ele entendia que existe uma constante interação entre essas duas estruturas. Afirmava, em complemento, que, ao contrário de estarem separadas, seriam dois aspectos de um único sistema. A individuação é, portanto, o processo de desenvolvimento de uma inteireza ou plenitude do indivíduo por meio da integração das várias partes da psique.⁷ Por meio dessa visão, Jung sinaliza uma resposta integrativa para o conflito intrapsíquico e abre uma nova perspectiva para a pesquisa e para a compreensão da personalidade e da dinâmica do homem.

Jung promoveu uma grande contribuição para a teoria da personalidade com a distinção entre o que identificou como os dois principais tipos de personalidade⁸. Particularmente, para o presente trabalho, tais conceitos são muito significativos. Por meio da observação de seus pacientes e ao longo de sua experiência, Jung caracterizou os indivíduos como introvertidos e extrovertidos. Os indivíduos de

⁶ *Neurosis and Human Growth: The Struggle Toward Self-Realization* (1950).

⁷ *Personality and Personal Growth (6th ed.)*Frager, R., & Fadiman, J. (2005). New York: Pearson Prentice Hall pg. 56

⁸ GOODWIN, James C. História da Psicologia Moderna. Ed. Cultrix. São Paulo, 2005.

personalidade caracteristicamente introvertida sentem-se mais confortáveis com seu mundo interior de sentimentos e pensamentos. Por outro lado, aqueles de personalidade com fortes características de extroversão sentem-se à vontade com o mundo dos objetos e das pessoas. Jung afirma que nenhum de nós é puramente introvertido ou extrovertido. Entretanto, cada indivíduo tende a favorecer uma ou outra atitude como sua orientação preferencial diante da vida e do ambiente. Jung também demonstrou que existe uma relação entre o consciente e o inconsciente e a ênfase que cada perfil exige. Um extrovertido, portanto, teria seu inconsciente com uma qualidade mais introvertida, uma vez que todas as suas qualidades extrovertidas são operadas externamente e sua dimensão introvertida é mantida no inconsciente. Assim indivíduos introvertidos teriam maior interesse em seus próprios pensamentos e sentimentos, tendendo a uma maior introspecção. No outro pólo, indivíduos extrovertidos estão ativamente envolvidos com o mundo das pessoas e objetos, tendo uma forte tendência a serem mais sociáveis e atentos ao mundo ao seu redor.⁹

1.2.1 A Teoria dos Tipos e sua contribuição para o estudo do conflito interpessoal

A partir do estudo desses dois tipos de personalidade, Jung elaborou o que podemos chamar de Teoria dos Tipos. Basicamente, a teoria é o resultado da percepção de que diferentes pessoas pensam, sentem e percebem a realidade de forma diversa. Jung identificou quatro funções psicológicas fundamentais: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Cada função é vivida de modo introvertido ou extrovertido.¹⁰ Esse modelo gerou a base para a construção de testes psicométricos amplamente utilizados nos dias de hoje como o Myer-Briggs Type Indicator (MBTI) e o Thomas-Kilmann Conflict Mode Instrument (TKI), ambos utilizados para revelar o perfil dominante e o modo de atuação em situações de relacionamento interpessoal, tomada de decisão e resolução de conflitos.

Kenneth W. Thomas e Ralph H. Kilmann, utilizaram os estudos feitos por Jung sobre a Teoria dos Tipos para estruturar o que veio a ser um dos instrumentos mais

⁹ *Personality and Personal Growth (6th ed.)*Frager, R., & Fadiman, J. (2005). New York: Pearson Prentice Hall pg. 56

¹⁰ *Ibidem.*

utilizados em todo mundo para identificar a orientação de indivíduos frente a situações de conflito. Primeiramente introduzido por Blake e Mouton (1964)¹¹ e reinterpretado por Kenneth Thomas (1975),¹² o esquema que deu origem ao instrumento utiliza o que os autores chamam de cinco modos ou estilos de lidar com o conflito: competição, colaboração, concessão ou compromisso, evasão e acomodação. Esses estilos foram definidos a partir da combinação de duas dimensões comportamentais gerais relacionadas com assertividade e cooperação, juntamente com as dimensões integrativa e distributiva de negociação. Definidamente orientados pela corrente behaviorista, estes dois pesquisadores norte-americanos estabeleceram uma importante referência de estudos dos indivíduos quando envolvidos em um conflito. Basicamente, os estilos são o resultado da tensão gerada no momento em os interesses de duas ou mais partes estão em jogo. Assim, a dimensão da assertividade estaria relacionada ao esforço que um indivíduo faz para satisfazer seus próprios interesses, ao passo que a dimensão da cooperação estaria diretamente ligada ao esforço do indivíduo para satisfazer os interesses do outro. Segundo a teoria proposta, a competição está relacionada a um comportamento de pressão para que o outro lado ceda, juntamente com uma argumentação para obter a vitória sobre o outro. A colaboração está identificada com a confrontação da divergência e uma postura de solução criativa do problema. Já o perfil evasivo está associado ao comportamento de fuga e desengajamento da situação de conflito, abrindo mão da tomada de decisão. Acomodação seria a característica do indivíduo que procura suavizar a situação de tensão, diminuindo possíveis desgastes no relacionamento. Por fim, o perfil de concessão ou compromisso está identificado com a busca por soluções de meio-termo, onde ambos os lados fazem concessões para se chegar a um consenso de forma rápida e prática.¹³ Os estilos e a aplicação do instrumento serão detalhados mais a frente. De fato, a contribuição de Thomas e Kilmann para o estudo do conflito a partir de uma perspectiva psicológica se evidencia na capacidade de aplicar os conhecimentos sobre a personalidade humana em contextos práticos de atuação.

¹¹ Blake, R.; Mouton, J. (1964). *The Managerial Grid: The Key to Leadership Excellence*. Houston: Gulf Publishing Co.

¹² *Psychological Reports*, Vol. 37, No. 3 (1975), pages 971-980.

¹³ *Ibidem*.

1.2.2 A Teoria de Campo de Kurt Lewin

Anos antes da utilização dos estudos relacionados aos tipos de personalidade de Jung, outro grande psicólogo desenvolveu estudos que colaboraram com a análise dos conflitos humanos. Contemporâneo de Wertheimer, Koffka e Köhler, os três grandes da psicologia da *Gestalt*, Kurt Lewin criou uma teoria que chamou de Teoria de Campo. Para ele, a compreensão do comportamento de uma pessoa implicava na necessidade de conhecer todas as forças que atuavam sobre ela num dado instante. Lewin deu a esse campo específico o nome de espaço vital, definido como um campo psicológico que envolve a “totalidade dos fatos que determinam o comportamento de um indivíduo num dado momento” (Lewin, 1936).

Dentre suas contribuições mais significativas para o estudo dos conflitos estão a descrição de três momentos em que normalmente se verifica um conflito entre necessidades. “De acordo com o seu esquema, existe um conflito toda vez que pelo menos dois vetores exercem pressão em direções diferentes. No conflito de **aproximação-aproximação**, existem dois objetivos desejáveis de igual força a escolher. É o caso, por exemplo, da escolha entre filé ou lagosta para o jantar. Dois objetivos igualmente indesejáveis caracterizam o conflito de **evitação-evitação**, como no caso do aluno que tem de optar pelo estudo de um dentre dois temas que não gosta. Finalmente, no conflito de **aproximação-evitação**, a pessoa sente simultaneamente tendências de aproximação-evitação com relação ao mesmo objetivo. Seria o caso da nossa decisão de pedir um *sundae* com calda de chocolate quente ser influenciada ao mesmo tempo pelas tendências de aproximação (é gostoso) e de evitação (engorda).”¹⁴

Apesar de ter seu nome ligado, em grande parte, à psicologia da Gestalt, Kurt Lewin atuava de forma mais ampla, investigando, sobretudo, as origens da motivação e o comportamento voltado para um objetivo. Lewin acreditava que o ser humano possui necessidades predominantes que mobilizam sua energia em um processo de tensão, provocado pela vontade de satisfazer a necessidade juntamente com os obstáculos presentes no espaço vital. Satisfeitas as necessidades, pode-se dizer que a pessoa atingiu o estado de equilíbrio. O desequilíbrio seria, então, gerado pela criação

¹⁴ GOODWIN, James C. História da Psicologia Moderna. Ed. Cultrix. São Paulo, 2005.

de uma nova necessidade, motivando a pessoa a satisfazê-la para voltar ao estado de equilíbrio inicial.

Apesar de apresentar uma visão que relaciona de maneira mais ampla os elementos do ambiente circunstante e o indivíduo para compreender seus conflitos e suas motivações para resolvê-lo, Lewin, assim como os autores citados até aqui não estruturaram um método efetivo de leitura do inconsciente do ser humano, seu funcionamento e sua dinâmica, permitindo compreender as causas efetivas dos conflitos intrapsíquicos, refletidas nas manifestações comportamentais e seus resultados.

1.2.3 A Teoria da Motivação Humana de Abraham Maslow

Ainda na investigação das motivações humanas, a abordagem humanista, considerada a “terceira força” da psicologia, por meio de um dos seus maiores expoentes, nos fornece indicações da dinâmica do conflito no ser humano, mas não esgota a necessidade de uma compreensão ontológica do processo. Abraham Maslow organiza um modelo para compreendermos o que motiva o ser humano por meio de um sistema de necessidades. Maslow propôs um novo conjunto de estratégias diferentes daquelas voltadas para os distúrbios psicológicos, características da psicanálise de Freud, exemplificativamente, que produziria uma psicologia mais saudável. Na perspectiva humanista, o homem tende à auto-atualização, ou seja, à realização plena do próprio potencial e projeto de vida. Para atingir essa condição, é preciso satisfazer um conjunto de necessidades posicionadas hierarquicamente. Maslow apresenta essas necessidades em forma de uma pirâmide, onde na base estão as necessidades inferiores (fisiológicas e de segurança), passando pelas necessidades superiores (amor e auto-estima), até alcançar o topo da pirâmide onde se posiciona a auto-atualização. O esquema proposto por Maslow permite uma compreensão de como o ser humano organizaria suas forças e energias para satisfazer suas necessidades de acordo com o contexto e a fase de vida em que se encontra. Para fins do presente estudo, podemos aplicar o modelo de Maslow para compreender que ao longo desse percurso rumo à auto-atualização o ser humano se depara com diversas situações de conflito onde a satisfação de suas necessidades é constantemente ameaçada pelas dinâmicas internas e externas referentes ao sujeito. Maslow se

esforçou para identificar o que permite que uma pessoa alcance esse estado de auto-atualização investigando pessoas que eram consideradas bem-sucedidas em suas vidas, em um primeiro momento, e replicando a pesquisa diversas vezes até gerar um conjunto de características confiáveis e percebíveis em diversos sujeitos. Partindo de estudos feitos com a antropóloga Ruth Benedict e o psicólogo gestaltista Max Wertheimer, Maslow percebeu que “os dois padrões (dessas duas pessoas) poderiam ser generalizados. Eu estava falando sobre um tipo de pessoa, e não sobre dois indivíduos que não poderiam ser comparados. [...] Tentei descobrir se esse padrão poderia ser encontrado em outras pessoas” (citado segundo GOODWIN, C. James, 2005). A descoberta permitiu evidenciar que os indivíduos que se auto-atualizavam “percebiam a realidade com precisão, eram extremamente independentes e criativos, agiam de forma espontânea e natural com os demais, viam seu trabalho mais como uma carreira ou vocação que como um emprego, possuíam um forte código moral e ocasionalmente tinham momentos de satisfação ou fruição intensas, aos quais denominou **experiências de pico.**”¹⁵

Em relação ao campo da resolução de conflitos, as descobertas de Maslow são uma contribuição significativa para a análise do conflito e suas motivações. Sinalizaram comportamentos de referência, mas não geraram um método que nos permitisse responder à pergunta sugerida no presente trabalho: *O que determina, preliminarmente, a possibilidade do indivíduo resolver seus conflitos de forma positiva para si e para o contexto em que está em relação?* Mesmo a avaliação do perfil preponderante em situações de conflitos proposta por Thomas e Kilmann, baseada nos estudos anteriores de Jung, nos mantém em uma perspectiva *posterior* ao princípio causante. No que foi exposto até aqui, nota-se, como pano de fundo, a necessidade de um processo de amadurecimento do indivíduo ao longo de sua vida, permitindo uma evolução na medida em que aumenta sua consciência sobre si mesmo, seus conflitos internos e externos, suas causas e como resolvê-los. É exatamente esse conceito universal de maturidade que se tornou o objeto de investigação do presente estudo. Em que bases poderíamos definir uma maturidade do ser humano e se isso influencia, em primeira ordem, a sua capacidade para resolver seus conflitos de forma positiva?

¹⁵ Ibidem.

1.2.4 O conflito na perspectiva da Ciência Ontopsicológica

A resposta para essa pergunta fica incompleta se utilizadas as perspectivas filosóficas, sociológicas e psicológicas expostas até aqui. O motivo, segundo o cientista que fundou a Ciência Ontopsicológica, Antonio Meneghetti, está inversão do primado indivíduo-sociedade, onde o homem era secundário ao social. Meneghetti considera que o fator social seja um aspecto secundário, ainda que os grandes sociólogos tentaram demonstrar que a sociedade é prevalente ao indivíduo.¹⁶ Ainda segundo o autor, “também as escolas de neurolingüística, do comportamentalismo e do cognitivismo são psicologias que surgiram da primeira causalidade da sociedade sobre o sujeito. Elas se fundam sobre o pressuposto de que se pode identificar o sujeito em base às motivações, às necessidades e às imposições que de algum modo a sociedade faz. [...] A sociedade não pode basear-se sobre intenções ou psicodinâmicas introvertidas do sujeito.”¹⁷

Após o exame do método proposto pela Ciência Ontopsicológica, percebe-se que aos pesquisadores e às abordagens filosóficas, sociológicas e psicológicas descritas até então, faltava o critério epistêmico para compreensão da dinâmica do homem em toda a sua totalidade e, portanto, da solução para o seu problema. Do contrário, o homem permanece sem solução e, portanto, em constante conflito.

É a partir dessa análise inicial que o cientista Antonio Meneghetti introduz a necessidade da compreensão das causas que levaram a humanidade, historicamente, a definir o homem como irresoluto. “A constatação que cada um pode fazer é que, observando o homem, resulta irresoluto, incompreendido, um motor de dúvidas e um expositor de conflitos.”¹⁸

A essa primeira análise, Meneghetti adiciona a percepção de que o homem encontra-se em um estado de incerteza, dispersão e contradição constantes. Essas duas

¹⁶ MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 2. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2005, pg. 241.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*, 4. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2010.

problemáticas, o homem irresoluto e a esquizofrenia existencial que o sujeito experimenta, afirma o autor, foram analisadas e afrontadas durante séculos.

Na ótica da análise religiosa, permanece o ponto de vista unilateral de cada religião e o consenso com as demais nunca foi alcançado. Na perspectiva da análise histórica, o homem deriva dos macacos por meio do processo evolutivo sendo, portanto, uma espécie ainda sem conclusão. O homem, por esse motivo, apresenta uma dubiedade entre o instinto e a razão, o anjo e o diabo, o animal e o humano. Essas forças lutam entre si e fazem contradição interna.

A análise social sinaliza que cada povo é de um modo, condicionado pelas suas experiências passadas de guerra ou de paz, pelo seu posicionamento geográfico, de continente, de lugar, de história. Essas diferenças não consentiriam uma unidade, um ponto de convergência. Na análise social feita até então, os homens não conseguem a paz porque são diferentes. Pertencem a diferentes classes sociais. Estão em posições diferentes de poder. Estão em constante revolução social, econômica, jurídica etc.

Dentro da análise afetiva e de relação, o homem é influenciado pelo grupo de referência de valor. “Substancialmente, cada um é conforme àquilo que ama, àquilo que escolhe: parceiro, família, grupo, ideia, partido etc. Cada homem é condicionado pelo estilo de afetividade, de paixão, de sentimento que o contradistingue.”¹⁹ As diferenças, portanto, dependeriam das diferenças do caráter, estruturado em meio às pessoas, grupos e coisas amadas.

Apesar das múltiplas análises feitas ao longo da história, permanecia o problema de fundo. A sensação comum é de que a humanidade não é unida, não possui uma identidade própria e que continua suscetível aos mesmos fatores que determinam o desequilíbrio.

Na busca por uma compreensão das fontes que mantêm o homem sem solução para si mesmo, portanto, em conflito perene, também faz-se a análise do inconsciente. Meneghetti reputa a Freud a caracterização e a identificação dessa pesquisa, apesar de assinalar que ela já existia há muito tempo, porém sem os contornos científicos delineados no último século e meio. “Esse estudo evidencia um outro mundo no homem que antecipa aquele consciente e racional, condicionando e alterando o

¹⁹ Ibid. MENEGHETTI, Antonio, p. 118.

comportamento humano. Tal mundo subconsciente é um depósito ativo de memórias individuais e familiares que se reencarnam por princípios chamados *arquétipos*, por isso existe um *inconsciente individual*, um *inconsciente familiar* e um *inconsciente coletivo*.²⁰ A conclusão a que se chega é de que o homem é objeto de uma força maior chamada “inconsciente”.

Meneghetti afirma que chega-se a descobrir essa força, mas que apesar de tantos esforços e estudos, não se compreende sua dinâmica e quais ordens segue. Propõe-se que o inconsciente gera uma contraposição entre vida e morte, originando, a partir dele, pulsões criativas e também destrutivas. Essa hipótese é rechaçada por Meneghetti na medida em que tal dualismo não dá soluções à luz de uma análise intelectual superior, considerando o fato de que uma dualidade contraposta seria igual a zero. Essa análise em sentido matemático seria suportada, também, por uma análise filosófica onde um não poderia existir caso seja anulado por um outro, ou até mesmo se fizesse parte do outro, não sendo nunca a si mesmo. Portanto, sob essa ótica, permanecia a contradição.

Para ir além, sinaliza Meneghetti, aos cientistas faltava uma unidade de conformidade que justificaria o discurso e aos filósofos faltava a unidade experimental científica. É a partir dessa crise que nasce e se desenvolve a ciência ontopsicológica.

O percurso filosófico e científico, somado à experiência nos diversos aspectos que dizem respeito ao ser humano e sua existência²¹, consentiu a Antonio Meneghetti

²⁰ Ibid. MENEGHETTI, Antonio, p. 119.

²¹ Antonio Meneghetti vivenciou a guerra, o viver nas ruas, a escola e o trabalho, parte em Vêneto e parte em Abruzzo. Logo nos primeiros anos após o fim da Segunda Guerra Mundial foi escolhido, com apenas 11 anos de idade, para ingressar nos estudos eclesiásticos. Aos quatorze anos ingressa na formação monástica dos Frades Minori Conventuali, em Assis, Gubio, Spoleto e Roma. Estuda até falar corretamente latim, grego antigo e aramaico. Aos vinte e cinco anos, ordenado sacerdote, prossegue os estudos nas diferentes graduações que realizou em algumas das mais tradicionais universidades romanas. Frequenta cursos especiais em Friburgo, em Londres, em Paris e em Viena. Recebe, em 1962, o diploma de Biblioteconomia, da Biblioteca Apostólica Vaticana. Em 1970, começa a ensinar Fundamentos de Filosofia Pastoral na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino de Roma. Entre diversos títulos acadêmicos possui o doutorado clássico em Teologia segundo os critérios canônicos das grandes Universidades Romanas, como a Lateranense; o doutorado em Filosofia e o doutorado em Ciências Sociais junto à Universidade Internacional S. Tommaso d’Aquino, em Roma; a láurea em Filosofia com abordagem psicológica junto à Universidade Sacro Cuore de Milão. Em 27 de abril de 1998, a Suprema Corte de Avaliação Interministerial da Federação Russa lhe confere o título de *Gran Doctor* em Ciências. No mesmo ano, recebeu os dois títulos honoríficos de *Gran Doctor of Philosophy* e de *Doctor Philosophy of Medical* da Academia Internacional de Informatização.

os instrumentos necessários para observar, ler, decodificar e utilizar o *critério-base* que a vida utiliza em todas as suas passagens e manifestações. Meneghetti descobre esse *princípio* a partir da sua atividade como psicoterapeuta, documentando cientificamente os casos de cura de todos aqueles que atendeu em dez anos de trabalho clínico. “Iniciando a cura do ser humano e procurando um princípio curativo – o critério que pudesse dar a direção da vida – descobro que no background do inconsciente não existia a vida e a morte, porque estas são consequentes, mas existia um princípio, um critério vivente e transcendente.”²²

A esse princípio, Meneghetti deu o nome de Em Si ôntico. Na sua investigação, descobriu que este princípio “era operante da fenomenologia e do resultado operativo da pessoa. Portanto, um sujeito era neurótico ou falimentar porque se contrapunha às propriedades específicas do critério elementar; mas, de tudo aquilo que era conforme a ele, o sujeito ganhava vida, estava bem, estava satisfeito e era este critério que fazia ser ou não-ser, estar doente ou sadio, realizado ou frustrado etc.”²³

A partir da descoberta deste critério-base foi possível uma reimpostação crítica de todo o conhecimento. Em qualquer campo de aplicação que atue, o homem, segundo Meneghetti, deve sempre verificar se sua linha de ação está coerente a este critério. Fundamental a compreensão do caráter fundante deste princípio elementar, uma vez que o autor o considera e demonstra que é uma informação prioritária a qualquer outra.

O presente trabalho, portanto, utiliza essa premissa para dar resposta à indagação feita em suas primeiras linhas: *O que determina, preliminarmente, a possibilidade do*

Recebeu o Prêmio Cultura da *Presidenza del Consiglio dei Ministri* da República Italiana nos anos 1980, 1987 e 1989. Presidente da Associação Internacional de Ontopsicologia (*NGO in Special Consultative Status with the Economic and Social Council of the United Nations*), Acadêmico e Vice-Presidente da Academia Internacional de Informatização (*NGO in Special Consultative Status with the Economic and Social Council of the United Nations*). É fundador e representante da escola da corrente artística da OntoArte. Artista, pianista e concertista, é Membro do Senado Acadêmico da Academia Internacional de Arte Moderna. Autor de mais de trinta obras traduzidas para o inglês, português, russo, espanhol e chinês. Seu pensamento, e sobretudo suas descobertas que consentem uma racionalidade integral no que se refere à psicologia elementar, está configurado oficialmente na Cátedra de Ontopsicologia junto à Faculdade de Psicologia da Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia.

²² MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*, 4. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2010, pg. 121.

²³ Ibid. MENEGHETTI, Antonio, p. 121.

indivíduo resolver seus conflitos de forma positiva para si e para o contexto em que está em relação?

A motivação constante da investigação está lastreada na percepção de que quando um indivíduo se propõe a realizar seu projeto de vida, a transformar em realidade histórica seu potencial específico, deve desenvolver a capacidade de transpor os diversos obstáculos manifestados como conflitos em sua vida. A finalidade última seria a de realizar a si mesmo segundo a própria ética personológica, conceito este desenvolvido a partir da visão ontopsicológica do homem. Como sinaliza Meneghetti: “De fato, qualquer pessoa que deseje colaborar consigo e com os outros deve se demonstrar síncrona e conforme as indicações desse projeto, desse critério inseico. [...] Com o critério ôntico relevado, segundo o conjunto da metodologia ontopsicológica, não somente se obtêm os efeitos desejados, mas inicia-se também um processo evolutivo e tudo se torna apropriado à própria necessidade.”²⁴ Antes de examinarmos os tipos de conflito e as abordagens mais comuns para administrá-los e resolvê-los, apresento aqui uma síntese extremamente breve da Ciência Ontopsicológica naquilo que diz respeito às suas descobertas principais, à estrutura do homem e sua dinâmica.

Antonio Meneghetti, ao se propor a compreender, na sua totalidade, o homem, no momento histórico em que realizava a sua atividade clínica, identificou um campo-força que lhe permitia conhecer e diferenciar a informação vital daquela distorcida nas pessoas que atendia. A esse fenômeno, Meneghetti deu o nome de “campo semântico”, uma espécie de canal de comunicação que a vida utiliza entre as suas individualizações. Este instrumento, a primeira das três descobertas da Ciência Ontopsicológica, o permitiu isolar e identificar o Em Si ôntico e o Monitor de Deflexão, a segunda e a terceira descobertas, respectivamente. A partir dessas descobertas, foi possível propor, em bases científicas, a estrutura do homem, formada pelo Em Si ôntico, Eu Lógico-histórico e Monitor de Deflexão. A interação dialética entre essas três estruturas, segundo Meneghetti, determina toda a vida do homem, gerando duas possibilidades: a) Saúde para a criatividade; e b) Esquizofrenia existencial. A primeira é o resultado da dinâmica que alinha o Eu Lógico-histórico do sujeito ao critério-base da vida, o Em Si ôntico, permitindo a sua autorrealização. A

²⁴ Ibid. MENEGHETTI, Antonio, p. 126 e 127.

segunda dinâmica é o resultado da ação do indivíduo em base a uma informação distorcida pelo mecanismo identificado como Monitor de Deflexão.²⁵

Por meio dessas descobertas e da lógica das duas dinâmicas, além de tantos outros construtos da Ciência Ontopsicológica advindos desse ponto de partida, podemos evidenciar os elementos necessários para responder o que determina, preliminarmente, a possibilidade do indivíduo resolver seus conflitos de forma positiva para si e para o seu ambiente circunstante. Na visão ontopsicológica, a dinâmica que alinha o Eu do sujeito ao seu projeto de natureza, à sua essência, à sua identidade, não prevê o conflito. Isso ocorre porque, quando um sujeito intenciona algo (um objeto ou situação), dentro dessa dinâmica, esse algo já lhe é próprio, já pertencia a si. Portanto, o sujeito, preliminarmente, vai em direção ao que lhe é útil, funcional e que reforça a sua identidade sem nenhum tipo de conflito quanto à escolha, uma vez que essa já foi intencionada pelo Em Si do indivíduo: “O Em Si não pode tender em relação a algo se não é já *virtual* em si mesmo. Se não segue aquela virtualidade, se não se escolhe em coerência ao que “já somos”, lesa-se a ação da vida, que remete com dor à patologia”.²⁶

Quando, porém, o indivíduo age baseado em uma informação originalmente positiva, mas que é distorcida ao longo do percurso entre o seu Em Si e sua consciência, então atua a dinâmica que o leva à frustração de suas necessidades e impulsos vitais. Meneghetti, por meio da representação dessa dinâmica, nos permite compreender o momento em que nasce o conflito entre o indivíduo e a informação que ele entende como verdadeira, mas que o leva a experimentar uma condição que o afasta da sua autorrealização. Esse conflito identificado entre a passagem do subconsciente ao consciente é, depois, manifestado no conflito entre o sujeito e o objeto ou situação escolhida externamente. Não sabendo escolher o que é seu ou aquilo que é conforme ao próprio projeto, o indivíduo vai em direção ao que é do outro, ou seja, tenta se apropriar daquilo que não lhe é próprio e dá início a uma dinâmica conflitual de conseqüências negativas.

²⁵ As três descobertas da Ontopsicologia, a estrutura do homem e sua dinâmica, bem como todo o conjunto teórico que fundamenta a Ciência Ontopsicológica pode ser pesquisada na obra Manual de Ontopsicologia – Editora Ontopsicológica Universitária.

²⁶ MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit: introdução à Ontopsicologia para jovens*, 1. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2006, pg. 53.

Em nenhum momento, contudo, afirma-se que o conflito externo é eliminado caso o sujeito tenha escolhido em conformidade com o seu critério de natureza ou Em Si. O que podemos aferir da aplicação do método ontopsicológico na análise do homem quando lida com seus conflitos é que o indivíduo, quando atua a dinâmica da saúde para a criatividade, não está em conflito consigo mesmo e, portanto, em condições de realizar a si mesmo naquela situação ou contexto histórico. Não significa que o indivíduo, a partir do que identificou como próprio, seja o objeto ou a situação, não atuará contraposições dialéticas com o outro ou os outros. Significa que, se o indivíduo age conforme uma ética personológica, ou seja, em conformidade com aquilo que o torna mais pessoa²⁷, com aquilo que exalta sua própria identidade, o conflito passa a significar um problema a ser resolvido para aproximá-lo do objeto ou situação desejada. Portanto, refletindo sobre o que determina, preliminarmente, a capacidade do sujeito de resolver conflitos de forma positiva, temos como sinalização primeira a disposição do indivíduo em realizar aquilo que intui como útil e funcional para a própria identidade.²⁸ Não existindo conflito entre o que o sujeito deseja e o seu projeto de natureza, então o sujeito tende a ver o outro e a situação conflitual histórica como uma oportunidade de autorrealização, antes de mais nada. Segundo Meneghetti, qualquer violência sobre os outros é o resultado da associação de coisas impróprias, ou seja, que não pertencem ao indivíduo como regra coincidente ao seu projeto de natureza, levando o sujeito à perda e à doença em si mesmo.²⁹

O desafio, dessa forma, permanece em como resolver o problema com o maior ganho possível para si, em primeiro lugar, e para o contexto, conforme sinaliza Meneghetti: “É preciso constatar que a realidade última de toda a problemática que se

²⁷ Do latim *personare*, *persona* = ressoar, máscara. Do latim *per se esse* = ser para si. Isto que é para si, indivisível em si e indivisível e distinto de todo o resto. Isto que faz título de autoridade e de valor do próprio intrínseco. Unidade de ação com capacidade de refletir-se una, seja me modo integral que em qualquer parte. Conforme MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2008.

²⁸ Identidade funcional é um conceito central na Ciência Ontopsicológica para ajudar a compreender a atitude primordial do indivíduo em direção a si mesmo, como condição para a solução criativa dos conflitos. Para Meneghetti, identidade funcional significa: “eu para mim”, onde o sujeito “salva a identidade da própria existência, não luta pelo outro. Também quando ajuda, reforça sempre a própria identidade, coloca em evidência a glória do agente do projeto”. Conforme MENEGHETTI, A. *Nova Fronda Virescit: introdução à Ontopsicologia para jovens*, 1. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2006, pg. 52.

²⁹ MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*, 4. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2010, pg. 163.

abre depois do fato de existir é como resolver a interação, como ter resultados úteis – para mim singular existente – na inevitável relação ‘Eu e os outros’ ”. ³⁰ Nesse aspecto, o autor define o homem como história e sua existência seria um contínuo propor-se de problemas a resolver com a finalidade de crescimento e de auto-conhecimento. O problema é visto, portanto, como o fio condutor à possibilidade da vitória. Não é um obstáculo em si e sim uma passagem à existência, à história e à experiência de ser homem.³¹ O devir criativo do homem está diretamente ligado à sucessão de problemas a serem resolvidos. Quanto mais problemas, mais existência. Como afirma o autor: “Resolvido um problema, tem-se uma existência realizada; terminada aquela, dá-se uma outra, que é uma outra vida, uma outra história e deve-se dar o absoluto também àquela.”³² Nesse contínuo existencial, o sujeito, mesmo fazendo diversas ações, permanece único, evocando-se, cada vez mais, como pessoa, ou seja, como uma “personalidade de uma ação individuada, e os indivíduos não estão em contradição, um aperfeiçoa o outro.”³³

Para Meneghetti, são muitos os critérios de maturidade. Mais especificamente, em perspectiva pedagógica, o critério pode ser verificado em relação à capacidade do indivíduo de ser íntimo a qualquer outro.³⁴ O autor é categórico nesse aspecto e afirma que o fim da fenomenologia é “alcançar o outro que, no final, se identifica em ti que és”. Essa passagem abre um universo de possibilidades de análise dos conflitos, e configura um dos aspectos analisados quanto à maturidade do indivíduo frente às suas contraposições dialéticas. A visão do outro não como um objeto e sim a partir de uma perspectiva subjetiva sinaliza uma capacidade intrínseca ao sujeito de conhecer a si mesmo a partir dos inevitáveis impactos de relação com o outro. A síntese dessa

³⁰ MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 2. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2005, pg. 231.

³¹ MENEGHETTI, Antonio. *O Em Si do homem*. 5. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2004, pg. 67.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*.

³⁴ MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 2. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2010, pg. 217.

dinâmica é evidenciada pelo autor quando afirma que “o Eu histórico deve alcançar o outro, deve aceitar o diálogo, a mediação objeto-sujeito; depois se reconhece único.”³⁵

Em base a essas premissas, o presente trabalho pretende contribuir para o estudo do conflito e suas formas de administração e resolução identificando aspectos de base que nos permitem compreender as particularidades psicológicas da percepção e atitude aos conflitos, em especial a influência do fator de maturidade como elemento de partida para a resolução construtiva do conflito.

³⁵ MENEGHETTI, Antonio. *O Eu Si do homem*. 5. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2004, pg. 68.

SEGUNDO CAPÍTULO

2. PROGRAMA E MÉTODOS DA PESQUISA

2.1 Objetivo, hipótese e tarefas da pesquisa

O **objetivo da pesquisa** é estabelecer uma interrelação entre a percepção e a atitude frente aos conflitos e os aspectos de base que sinalizam o nível de maturidade do indivíduo.

A **hipótese da pesquisa** é que:

1. Existem certas particularidades individuais como a relativização dos valores sociais, a responsabilidade, a ética personológica, a visão subjetiva do outro e o controle sobre o objetivo que determinam, preliminarmente, a percepção e o comportamento positivo do indivíduo frente aos conflitos.
2. O conjunto dessas particularidades individuais pode ser definido como um indicador de maturidade pessoal e funciona como um preditor da capacidade do indivíduo de resolver conflitos de forma construtiva.

Nota-se que o conflito é um fenômeno estudado a partir de vários ângulos e abordagens. Ao longo da história, filósofos, sociólogos, antropólogos, juristas, psicólogos e outros pesquisadores procuraram compreender o conflito, suas causas, seus efeitos e as formas de administrá-lo e resolvê-lo. Muitos avanços foram feitos, sobretudo no que diz respeito aos seus aspectos manifestos, identificados na observação do comportamento de indivíduos, grupos e nações frente às situações de conflito.

De fato, podemos perceber que o conflito sempre provocou no homem uma constante curiosidade. Para estudá-lo, é preciso relacioná-lo com os objetos ou situações contrapostos, uma vez que o conflito presume, no mínimo, duas forças em tensão. Assim, tanto no contexto social quanto no universo particular do indivíduo, procurou-se identificar e explicar os conflitos entre necessidades, pulsões, interesses, desejos, preocupações etc, e seus efeitos.

Por estar presente na contínua atividade de tomada de decisão do ser humano, o conflito entre o que fazer e o que não fazer, o que escolher e o que preterir, o que

aceitar e o que negar, é considerado como parte da natureza do homem. O problema é que se assim for considerado, o homem permanece sem solução, estando em eterno conflito internamente e externamente, nas suas diversas interações individuais e sociais.

Supomos que existe algo que determina, preliminarmente, uma escolha que, estando em conformidade com o projeto de natureza do indivíduo, não está em conflito, uma vez que segue uma ética única, primária, alinhada com o indivíduo em si mesmo. A partir desse ponto, outros fatores permitiriam que o indivíduo, já tendo feito sua escolha, possa resolver os comuns conflitos das interações com o outro e com o ambiente circunstante. Esse conjunto de fatores, derivados de uma determinada postura frente à vida, poderia caracterizar um nível de maturidade pessoal que condicionaria uma maior ou menor propensão em resolver conflitos de forma criativa, construtiva e produtiva.

As tarefas da pesquisa são:

- o estudo das várias abordagens ao problema do conflito com base em uma análise teórica da bibliografia;
- a elaboração de um questionário que permita identificar o nível de maturidade pessoal do indivíduo a partir da sua percepção e atitude em relação ao conflito;
- a identificação e a definição de outros questionários que serão utilizados para correlacionar a maturidade do indivíduo com sua propensão em resolver conflitos de forma positiva;
- a seleção do grupo de pessoas para responder aos questionários, observando o equilíbrio do público-alvo em relação à variedade dos aspectos relacionados ao gênero, idade, profissão etc.;
- o estudo da interrelação entre o nível de maturidade pessoal e os demais parâmetros que sinalizam os traços principais de personalidade, o perfil predominante em situações de conflito e o grau de satisfação social.

2.2 Amostra da pesquisa

Característica geral do grupo analisado

Foram distribuídos trinta conjuntos de questionários para trinta indivíduos, dos quais 26 responderam à pesquisa. O grupo analisado possui as seguintes características gerais:

- Quanto à divisão por gênero, 53,85% de respondentes são do sexo feminino e 46,15% da amostra são do sexo masculino;
- A faixa etária da amostra possui as seguintes divisões: a) 19 a 25 anos (30,77%); b) 26 a 30 anos (3,85%); c) 35 a 40 anos (19,23%); d) 41 a 45 anos (19,23%); e) 46 a 50 anos (15,38%); acima de 50 anos (11,54%);
- Em relação ao estado civil, 42% dos respondentes são casados, 11,54% divorciados, 3,85% separados e 42,31% solteiros;
- O nível de escolaridade está dividido da seguinte forma: a) 26, 92% estudantes de graduação; b) 23,08% graduação; c) 42,31 pós-graduação *lato sensu*; d) 3,85% pós-graduação *stricto sensu*; e e) 3,85% doutorado;
- Quanto à atividade profissional, a amostra é composta por 4 advogados, 1 analista de sistemas, 3 empresários, 7 estudantes, 1 psicólogo e 10 servidores públicos.

2.3 Procedimentos da pesquisa

Para cumprir as metas e tarefas da pesquisa foi utilizada a metodologia da abordagem quantitativa. Esse tipo de pesquisa é entendida como um conjunto de ações de investigação com um objetivo específico de interpretar os dados da pesquisa de campo usando métodos estatísticos. O estudo foi realizado nas seguintes etapas:

- A primeira etapa envolveu a definição do problema e dos objetivos da pesquisa, a busca da literatura teórica sobre o tema estudado e a escolha do instrumento de coleta dos dados.
- A segunda etapa abrangeu a pesquisa, seleção e organização das ferramentas psicológicas necessárias e o desenvolvimento de um questionário que permite identificar o nível de maturidade pessoal do indivíduo em base a um conjunto de cinco fatores estruturados a partir do método ontopsicológico. Essa etapa foi subdividida em dois momentos. O primeiro momento consistiu da elaboração de um

questionário-piloto, estruturado a partir de perguntas abertas e fechadas de múltipla escolha, onde foi feita a tentativa de identificar padrões que pudessem sinalizar quais elementos pré-determinam a capacidade dos indivíduos de resolver seus conflitos de forma positiva. Esse questionário foi aplicado em um grupo de 17 pessoas e serviu de base para o desenvolvimento do questionário utilizado na pesquisa principal. O segundo momento foi, exatamente, o desenvolvimento do segundo questionário, que envolveu o estudo dos conceitos principais utilizados pela Ontopsicologia para determinar o significado de maturidade de um sujeito.

- A terceira etapa consistiu da aplicação dos testes psicométricos selecionados e do questionário relacionado à maturidade pessoal junto ao público da amostra.

- A quarta etapa inclui o preenchimento da tabela Excel com os dados recebidos, o processamento estatístico dos dados, interpretação dos resultados e descrição das particularidades biográficas e psicológicas do grupo analisado.

2.4 Métodos da pesquisa

a) Metodologia *Big Five* – versão para o Brasil

Em sua versão moderna o questionário pessoal (*Personality Inventory* Costa & McCrae, 1992) apresenta os dados por meio de 5 grandes dimensões ou *áreas* da personalidade mais importantes. Ainda que a nomenclatura dos traços no teste Big Five tenha algumas variações, na maioria das vezes utilizam-se os seguintes termos e significados:

- Neuroticismo (*Neuroticism*) – Instabilidade emocional. Esse traço contrasta estabilidade emocional com afetos negativos, incluindo ansiedade, tristeza, irritabilidade e tensão nervosa. (Benet-Martinez & John, 1998).
- Extroversão (*Extroversion*) – amplitude e intensidade das interações interpessoais. Também pode ser relacionada com atividade e energia, dominância, expressividade e emoções positivas (Benet-Martinez & John, 1998).

- Abertura (*Openness*) – mede a busca ativa de novas experiências. O fator também descreve a complexidade, abertura e profundidade da mente humana (Benet-Martinez & John, 1998).
- Amabilidade (*Agreeableness*) - mede a qualidade da atitude do indivíduo em relação a outros. Essa dimensão também caracteriza-se por uma orientação em direção ao demais, incluindo traços como altruísmo, confiança e modéstia (Benet-Martinez & John, 1998).
- *Conscienciosidade (Conscientiousness)* – mede o grau de organização individual, de persistência e de motivação do indivíduo no seu comportamento. Nesse fator, é característico o controle de impulsos, bem como comportamentos direcionados a um objetivo específico, que podem facilitar a execução de obrigações e deveres (Benet-Martinez & John, 1998).

As escalas foram desenvolvidas ao longo de um estudo de 15 anos, que começou por uma pesquisa longitudinal em amostras de adultos normais e depois foi estendido para as amostras clínica, industrial e de estudantes. Esse questionário foi criado como um meio para medir "os traços da personalidade normal", mas Costa e McCrae assumem que pode ser útil nas áreas da atividade aplicada bem como nas pesquisas científicas.

b) Thomas-Kilmann Conflict Mode Instrument (TKI)

Este instrumento foi desenvolvido por Kenneth W. Thomas e Ralph H. Kilmann no começo da década de 70. O instrumento é baseado em aprimoramentos teóricos, feitos por Kenneth Thomas sobre um modelo de estilos de conflitos gerenciais, proposto por Robert Blake e Jane Mouton, na década de 1960 (Blake & Mouton, 1964).

Trata-se de um questionário desenvolvido para identificar tendências comportamentais ao lidar com situações de conflitos interpessoais. Segundo os autores, “situações de conflito” são situações em que os interesses de duas pessoas parecem ser incompatíveis. Em tais situações, pode-se descrever o comportamento de uma pessoa em duas dimensões básicas: a) assertividade, ou seja, até que ponto o indivíduo tenta satisfazer seus próprios interesses e b) cooperatividade ou o grau em

que o indivíduo tenta satisfazer os interesses de outra pessoa. Essas duas dimensões básicas do comportamento podem ser usadas para definir cinco estilos específicos de se lidar com conflitos. O instrumento ajuda a identificar qual desses estilos o indivíduo utiliza com mais frequência. De forma bastante resumida, os estilos são definidos da seguinte forma:

- *Competição* – estilo orientado ao poder, em que uma pessoa usa meios que lhe pareçam apropriados para impor sua própria posição. É um estilo muito assertivo e pouco colaborativo.
- *Acomodação (ou concessão)* – de forma oposta ao estilo de competição, este estilo é muito colaborativo e pouco assertivo. Indivíduos com a predominância desse estilo tendem a negligenciar seus próprios interesses para satisfazer os interesses do outro. Existe, em regra, uma grande preocupação com a harmonização do relacionamento, fazendo da concessão uma forma de preservá-los.
- *Evitação (ou evasão)* – significa não ser assertivo e tão pouco colaborativo. Pode tomar a forma de fugir diplomaticamente de um problema, adiar a questão até um momento mais oportuno ou simplesmente evitar uma situação ameaçadora. Nesse estilo, ao evitar o conflito, o indivíduo não promove seus próprios interesses nem os da outra pessoa.
- *Compromisso (ou conciliação)* – envolve um grau intermediário de assertividade e colaboratividade. O objetivo é encontrar uma solução mutuamente aceitável e prática, que satisfaça parcialmente a ambas as partes. Pode significar dividir as diferenças, trocar concessões ou buscar uma posição de meio-termo.
- *Colaboração* – implica em um alto grau tanto de assertividade como de cooperação. Envolve uma tentativa de trabalhar com a outra pessoa para encontrar uma solução que satisfaça plenamente os interesses de ambas. A cooperação pode tomar a forma de explorar uma desavença para aprender com as ideias um do outro, decidir resolver uma condição que provocaria uma competição por recursos ou confrontar e tentar encontrar uma solução criativa para um problema interpessoal.

Os pesquisadores desenvolveram primeiramente o TKI como uma ferramenta de pesquisa. A fim de reduzir o viés de respostas, eles escreveram pares de afirmações que foram cuidadosamente agrupadas por atributos, para que nenhum dos estilos de lidar com o conflito aparentasse ser melhor que o outro (Thomas, 1976).

c) Teste de Satisfação Social

Este instrumento mede, em uma escala *likert* de 5 pontos, a percepção do indivíduo quanto ao seu nível de satisfação em relação a diversos aspectos da vida como o relacionamento com pais, filhos, parentes, amigos, sexo oposto, a formação profissional do indivíduo, o seu trabalho, a sua situação econômica etc.

d) Questionário de auto-avaliação na resolução de conflitos

Desenvolvido a partir do questionário utilizado como piloto, este instrumento foi estruturado em base aos conceitos de maturidade pessoal segundo a ótica ontopsicológica. Foram elaboradas 18 duplas de afirmações nas quais os respondentes deveriam optar por aquela que mais se aproximasse do seu comportamento típico. De acordo com a resposta escolhida, é atribuída uma pontuação relacionada a uma das cinco dimensões identificadas pelo autor do trabalho para compor a escala de maturidade pessoal. As dimensões foram estabelecidas da seguinte forma:

Relativização dos valores sociais – “...somente o homem maduro compreende que cada verdade suprema deriva do próprio íntimo”.³⁶ Portanto, um dos aspectos que caracterizam o aspecto de maturidade do indivíduo é a sua capacidade de adaptação de acordo com a necessidade da situação e estar aberto a fazer mudanças de acordo com o que lhe é solicitado pelo ambiente circunstante, mas sempre em referência à realização do próprio projeto. Especificamente em relação ao conflito, essa dimensão também significa flexibilidade na medida em que “o que for mais adaptável a mudar, a aceitar a contradição, tem a vida ao seu lado, enquanto recomeça e se renova em qualquer aporia existencial.”³⁷

³⁶ MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 2. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2010, pg. 211.

³⁷ *Ibidem*.

Responsabilidade – outro aspecto escolhido para compor uma escala de maturidade está relacionado com a capacidade do indivíduo de responder e de confrontar o contexto que o impacta. Na ótica ontopsicológica, a partir do momento que o indivíduo existe, os eventos acontecem e introduzem-se nele e, portanto, ele deve reagir. Caso o indivíduo opte por evitá-los os mesmos passam a prevalecer sobre o sujeito. No que diz respeito ao aspecto da resolução de conflitos, “o primeiro dado de responsabilidade é, inicialmente, uma interação-confronto e, depois, uma resposta. No momento que pondero, posso tomar o primado da intervenção, antecipar a própria ação primária quase determinante de mim; posso inverter a situação. O evento, que parecia causa, pode tornar-se efeito; a ação, que parecia atacar-me, pode tornar-se gratificante.”³⁸

Ética personológica – essa dimensão parte da premissa de que antes de uma ética da situação, existe uma ética da pessoa, prioritária a todas as outras. “Qualquer fidelidade positiva para a história individual e social é garantida na medida em que os protagonistas são fieis a si mesmos. Devemos a primeira fidelidade a nós mesmos, se quisermos ser função positiva para o crescimento de outrem.”³⁹ Na perspectiva da resolução de conflitos, portanto, esse aspecto está relacionado à capacidade do indivíduo de ser assertivo dentro de uma ótica de legitimidade do que lhe é próprio com consciência.

Visão subjetiva do outro – além da perspectiva intrapsíquica do conflito, onde o mesmo é estudado na relação do indivíduo consigo mesmo, um dos principais aspectos que caracterizam uma maturidade pessoal, segundo a conceituação dada pela ciência ontopsicológica, é a capacidade do sujeito se identificar na subjetividade do outro. Em perspectiva de pedagogia, a Ontopsicologia entende que o critério de maturidade “pode ser verificado se o indivíduo é capaz de ser íntimo a qualquer outro.”⁴⁰ Portanto, percebe-se a importância desse aspecto na medida em que o indivíduo é capaz de perceber o outro como um caminho de autorrealização. “ ‘Eu e os outros’, concretamente, significa Eu e a liberdade, portanto é a deliberação da

³⁸ MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 2. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2005, pg. 212.

³⁹ Ibidem, pg. 219.

⁴⁰ Ibidem, pg. 217.

convivialidade em todos os aspectos, daqueles biológicos àqueles de moralidade superior.”⁴¹

Controle sobre o objetivo – sob a ótica ontopsicológica, esse aspecto é um dos critérios para a subjetividade, configurando, portanto um importante elemento que permite ao indivíduo agir e condicionar as coisas que lhe dizem respeito. Avaliar esse aspecto, permite o acesso à postura mental do indivíduo em relação a uma novidade problemática. Permite uma sinalização de como o sujeito se posiciona frente a um problema, exergando-o como um obstáculo ou como um estímulo de inteligência e criatividade.

Para cada dimensão foi atribuída uma pontuação máxima, sendo possível um total de 6 pontos na escala de maturidade pessoal.

O processamento estatístico dos dados foi realizado em programa SPSS utilizando os métodos da análise das frequências e correlações, assim como a comparação dos valores médios usando o critério *T-Student*.

⁴¹ Ibidem, pg. 231.

TERCEIRO CAPÍTULO

3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

3.1 Característica geral da amostra

A amostra é constituída de 26 pessoas com diferenças substanciais quanto à idade, área de atuação profissional e formação. Do público pesquisado, 54% correspondem ao sexo masculino e 46% ao sexo feminino.

Na tabelas abaixo, estão representadas as distribuições mais significativas para

	Minimum	Maximum	Média
Tempo_1	1	348	116,46
Tempo_2	1	348	100,93
Qt Tempo	6	240	71,05

o presente estudo.

Tabela 1: Tempo de trabalho em meses

Quanto ao estado civil, nota-se um equilíbrio entre solteiros e casados.

	%
Solteiro	42,3
Casado	42,3
Divorciado	15,4

Tabela 2: Estado civil da amostra

Em relação à idade, 42% da amostra tem até 37 anos e 58% estão acima desse número.

	Minimum	Maximum	Média
Idade	19	52	36,5

Tabela 3: Idade da amostra

Quanto à atividade profissional, a amostra é composta por 4 advogados, 1 analista de sistemas, 3 empresários, 7 estudantes de graduação, 1 psicólogo e 10 servidores públicos.

Quanto ao nível de escolaridade da amostra, a grande maioria, 38%, das pessoas pesquisadas possuem pós-graduação, seguidos de 23% que possuem graduação. Por considerar importante a pesquisa relacionada a diferentes grupos, responderam à pesquisa estudantes de graduação, responsáveis por 27% da amostra.

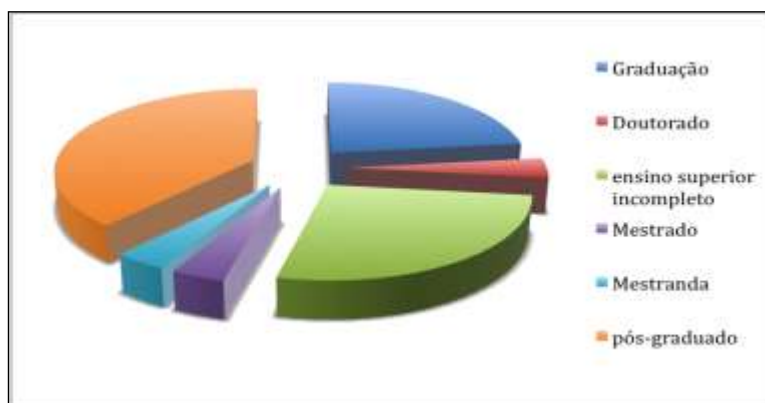


Gráfico 1: Nível de escolaridade da amostra

Os resultados gerais do questionário e dos instrumentos aplicados aos participantes são apresentados em seguida. Além dos testes, foi elaborado um questionário específico para avaliar a percepção dos participantes quanto ao nível de dificuldade na resolução de conflitos nos contextos familiar, de trabalho, assuntos pessoais, amigos e pessoas do sexo oposto. O mesmo questionário permitiu a sinalização de uma escala de maturidade de acordo com determinados conceitos e visão da ciência ontopsicológica.

Quanto ao nível de dificuldade de resolução de conflitos relacionados aos contextos citados, o questionário estabelece níveis progressivos onde “1” significa baixa dificuldade e “5” alta dificuldade. A média geral para cada contexto ficou dividida da forma apresentada a seguir.

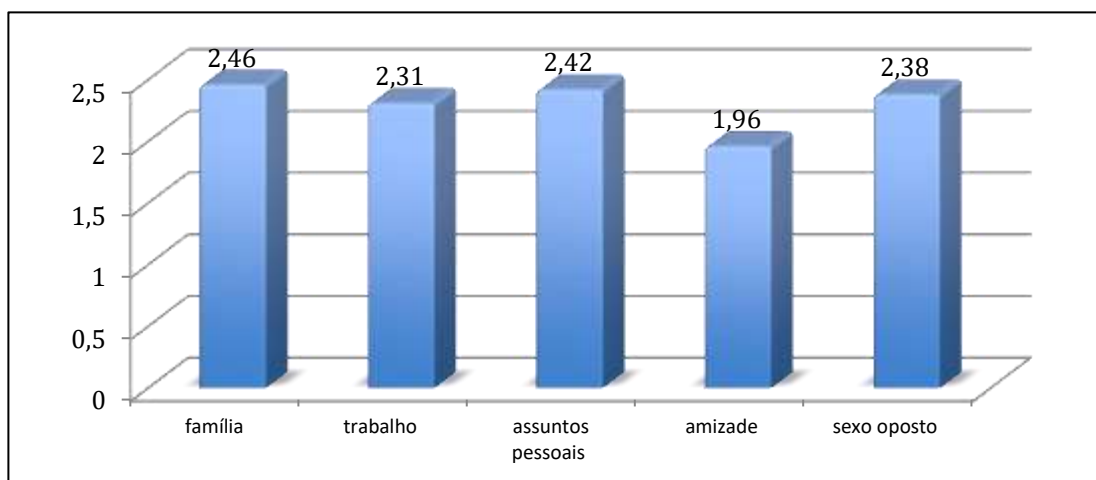


Gráfico 2: Avaliação da dificuldade de resolução dos conflitos nas várias esferas

A amostra também foi avaliada quanto aos traços gerais de personalidade dos indivíduos e suas correlações com os demais testes, sobretudo os resultados relacionados à escala de maturidade e a comparação por grupos na intenção de verificar a comprovação ou não da hipótese do presente estudo. Para avaliação dos traços de personalidade foi utilizado o teste chamado Big Five, por se concentrar em cinco grandes dimensões gerais da personalidade humana⁴². As médias gerais são apresentadas a seguir.

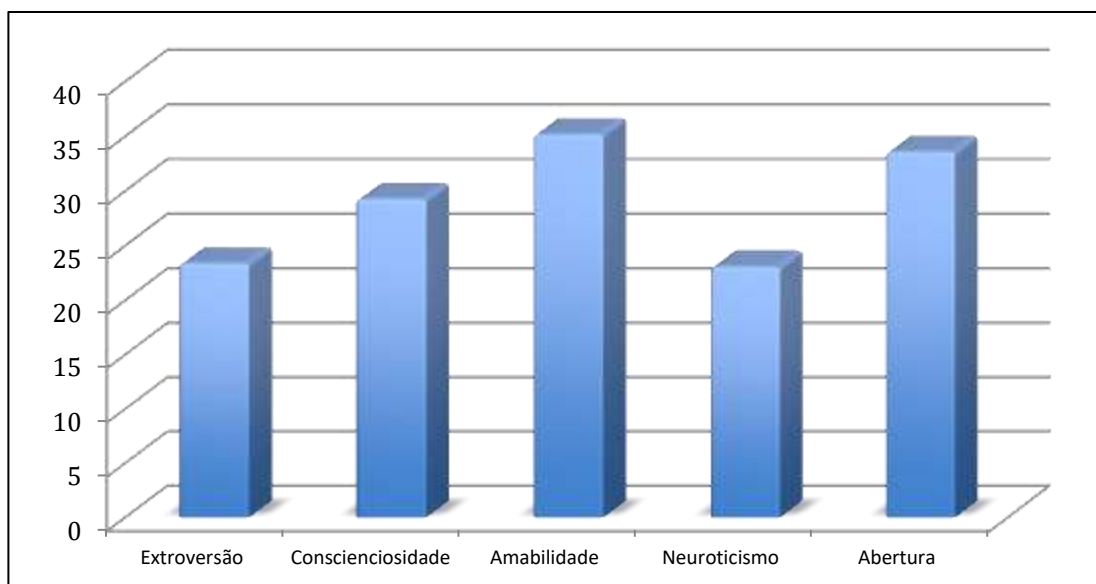


Gráfico 3: Médias gerais do teste Big Five

⁴² Extroversão – amplitude e intensidade das interações interpessoais; *Conscienciosidade* – mede o grau de organização individual, de persistência e de motivação do indivíduo no seu comportamento; Amabilidade - mede a qualidade da atitude do indivíduo em relação outros; Neuroticismo – Instabilidade emocional; Abertura – mede a busca ativa de novas experiências.

Para comprovar a hipótese de que existem certas particularidades individuais que determinam, preliminarmente, a percepção e o comportamento positivo do indivíduo frente aos conflitos, foi necessário construir uma escala de maturidade pessoal do indivíduo que representasse o conjunto de tais particularidades, definidas no presente trabalho. O resultado geral é apresentado abaixo. Cada dimensão foi correlacionada com os outros indicadores mais à frente no estudo.

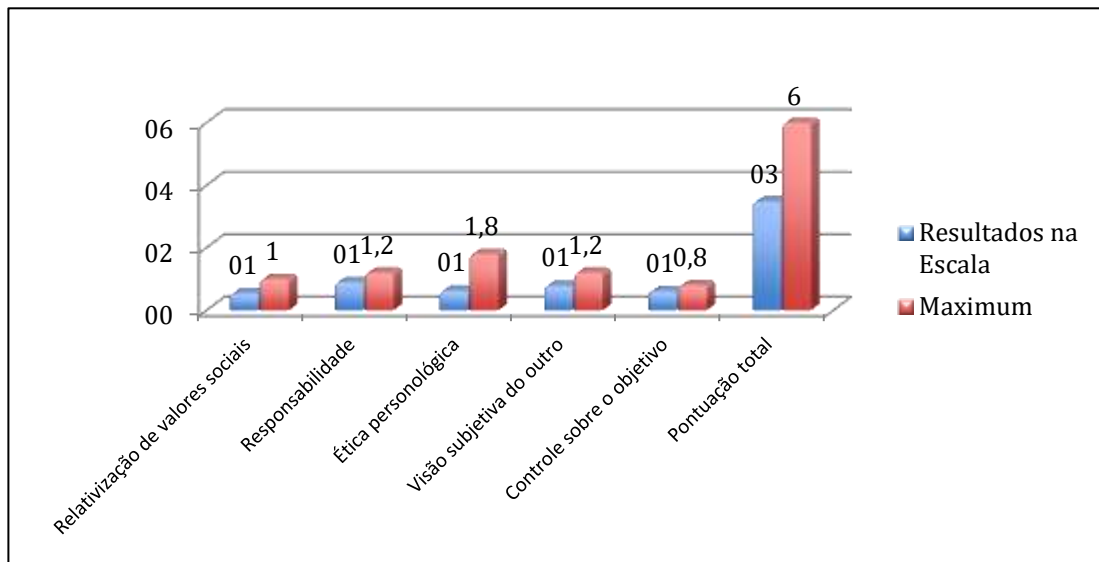


Gráfico 4: Médias das dimensões e total da escala de maturidade pessoal

O quarto instrumento de comparação é um teste que indica a tendência do indivíduo a uma determinada estratégia para resolver a situação de tensão quando estão em conflito seus interesses e os interesses de uma ou mais pessoas. O teste apresentou, em linhas gerais, os seguintes resultados.

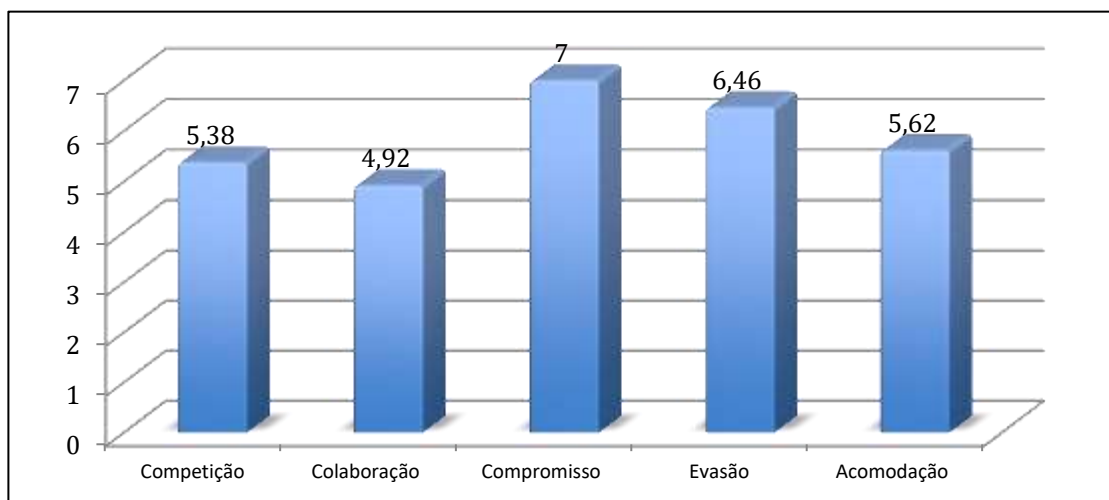


Gráfico 5: Médias das dimensões do teste TKI – Thomas-Kilmann Conflict Mode Instrument

3.2 Análise comparativa

Com a finalidade de identificar fatores que podem influenciar na percepção e na atitude dos indivíduos em relação aos conflitos, foram feitas análises comparativas considerando grupos específicos e aspectos autobiográficos da amostra. As diferenças significativas encontradas são apresentadas a seguir. O ângulo de análise permanece sempre aquele de verificação dos fatores que nos permitem compreender o que pré-determina a resolução positiva do conflito pelo sujeito.

3.2.1 Comparação de gênero

A primeira análise comparativa está relacionada aos grupos de homens e mulheres. A única diferença estatisticamente significativa foi encontrada na dimensão “colaboração” ($p=0,04$) do teste TKI, que indica a tendência do indivíduo a utilizar uma determinada estratégia em situações de conflito. No caso da abordagem colaborativa, o sujeito procura integrar os interesses divergentes, se esforçando tanto para satisfazer o que considera importante em termos de necessidades para si mesmo como também para o outro. Para outros parâmetros analisados, não foram encontradas diferenças entre os grupos destacados por gênero.

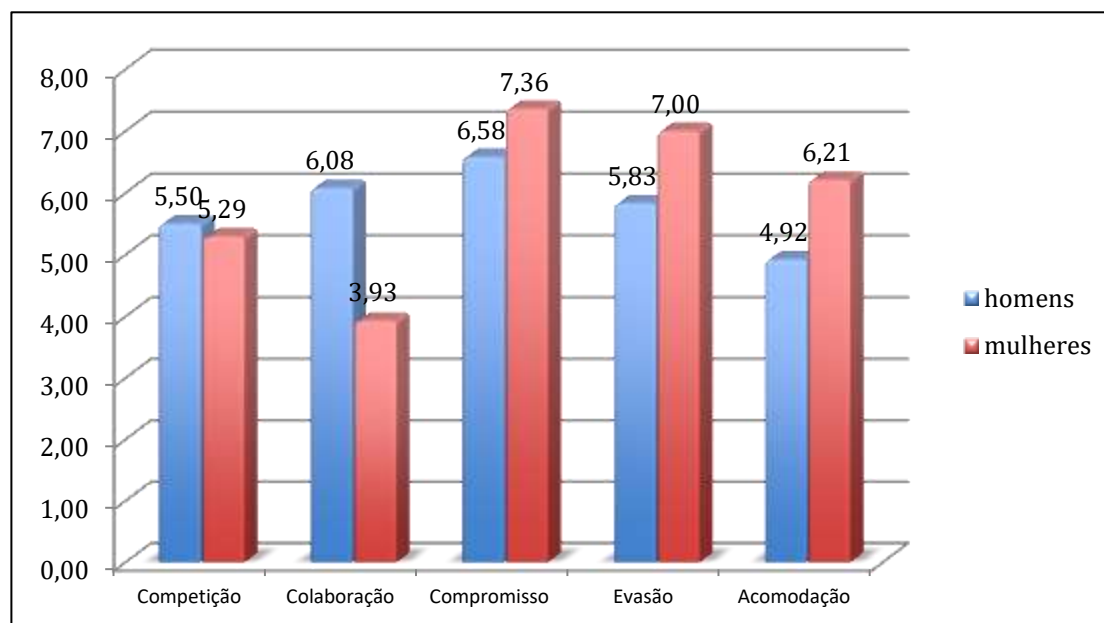


Gráfico 6: Comparação dos grupos de homens e mulheres por estilo pessoal de resolução de conflitos.

3.2.2 Comparação por grupos destacados por idade

Quanto ao aspecto relacionado à faixa etária, dois grupos foram estabelecidos para efeitos comparativos. O grupo 1 foi formado de pessoas até 37 anos de idade e o grupo 2 por pessoas com mais de 37 anos. Estatisticamente, foram encontradas diferenças na avaliação da dificuldade em resolução de conflitos relacionada com a dimensão “sexo oposto” ($p=0,04$), onde o grupo 2, de pessoas acima de 37 anos, demonstrou médias maiores de dificuldade, conforme o gráfico abaixo. Em geral, o gráfico demonstra que, para o grupo 1 (mais novos), a dificuldade em resolver conflitos nessas várias esferas é menor. Podemos inferir, em um primeiro momento, que a idade é um preditor para resolver conflitos de forma mais positiva. No entanto, essas inferências são muito precoces e, de fato, como iremos observar comparando com os outros resultados, existem fatores que influenciam de forma mais consistente a pré-disposição à resolução criativa dos diversos conflitos presentes no cotidiano dos seres humanos.

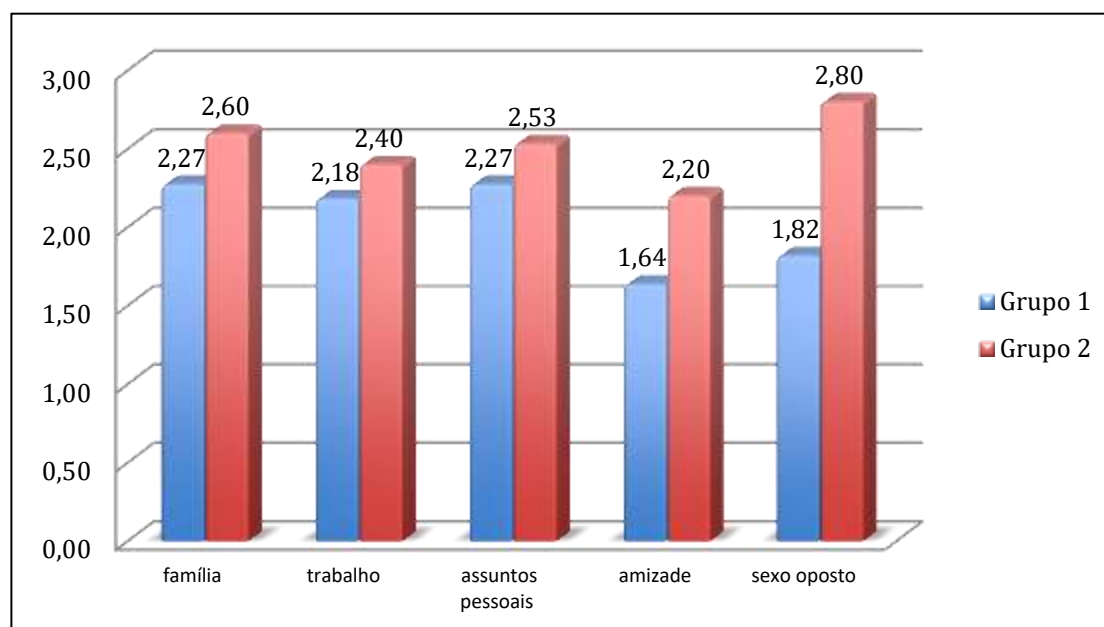


Gráfico 7: Comparação dos grupos por idade na avaliação da dificuldade de resolução dos conflitos

Na comparação com os resultados do teste que indica a predominância da estratégia do indivíduo em situações de conflito, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no estilo “evasão” ($p=0,036$). Nesse caso, o grupo 2, com pessoas com mais de 37 anos, tende a apresentar um comportamento maior de evitação do conflito do que aqueles do grupo 1. Em regra, o estilo de evitação em si não pode ser considerado positivo ou negativo para a resolução construtiva de

conflitos, uma vez que a lógica desses estilo é contingencial, ou seja, depende da situação. Não evitar resolver um conflito em um momento inadequado, por exemplo, pode ser menos produtivo do que um desengajamento temporário que tem por finalidade arrefecer os ânimos e pensar melhor em estratégias mais adequadas para, somente então, retornar a interação e propor soluções para a divergência. Saber quando evadir de uma situação de contradição pode ser uma vantagem em determinados contextos, sendo o seu contrário também verdadeiro. Assim, o gráfico abaixo aponta uma diferença significativa entre os dois grupos na dimensão “evasão”, mas não nos permite concluir se o aspecto da idade é um preditor para a resolução construtiva de conflitos.

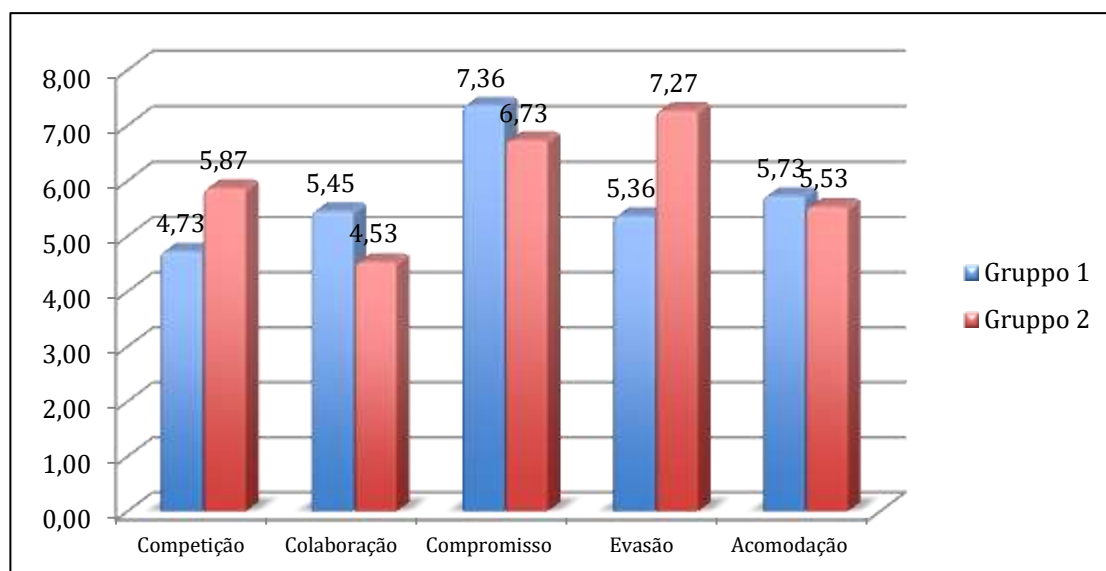


Gráfico 8: Comparação dos grupos destacados por idade com os estilos do TKI

Foram feitas comparações relacionando o aspecto da idade com os traços gerais de personalidade estruturados no teste Big Five. A única diferença significativa encontrada, em termos estatísticos, está relacionada com a dimensão “abertura” ($p=0,08$). Esse grande traço da personalidade humana avalia a atividade proativa e a apreciação da experiência por si só e também sinaliza uma tolerância e exploração ao que não é familiar (Pervin e John, 2004). A percepção comum que se tem é de que pessoas mais jovens em termos de idade tendem a ser mais abertas a novas experiências. No caso em questão, o grupo 2, de pessoas com mais de 37 anos, apresentou resultados mais expressivos no aspecto “abertura” em relação ao grupo 1, conforme podemos observar no Gráfico 9, abaixo. Esse resultado demonstra, como outros que iremos apresentar mais à frente, que é necessário vincular os resultados pontuais a um conjunto de outros aspectos para se fazer uma análise mais precisa do

que realmente pode prever o comportamento dos indivíduos quanto à resolução de conflitos em termos positivos.

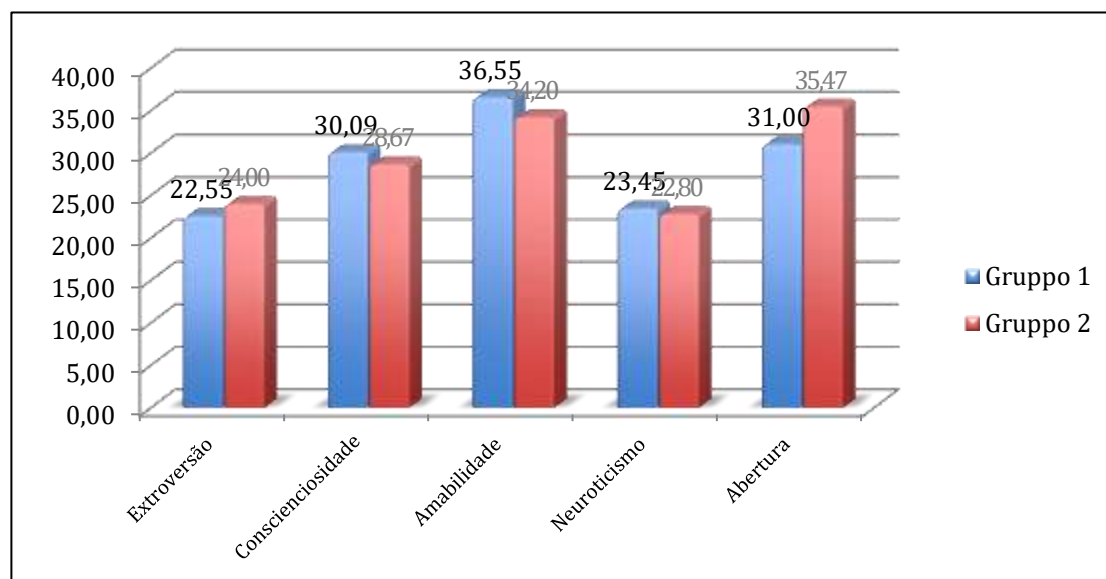


Gráfico 9: Comparação dos grupos destacados por idade nas escalas do teste Big 5

3.2.3 Comparação dos grupos destacados pela escala de maturidade pessoal

Para efeitos de comparação, foi feita uma separação em dois grupos a partir da pontuação média na escala de maturidade pessoal em resolução de conflitos. A pontuação da amostra foi obtida pelo Questionário de Auto-avaliação na Resolução de Conflitos descrito no capítulo 2.

Foi definida a média de 3,5 pontos como divisora dos dois grupos, onde 57,7% dos respondentes se situa abaixo dessa média (grupo 1) e os outros 42,3% correspondem aos indivíduos que obtiveram acima dessa linha de corte (grupo 2).

Na comparação feita utilizando a avaliação da percepção do grau de dificuldade na resolução de conflitos em diferentes esferas ou contextos, as diferenças, no nível da tendência estatística, foram encontradas na análise da esfera familiar ($p=0,067$) e no contexto das relações com o sexo oposto ($p=0,09$). O Gráfico 10, permite visualizar essas duas diferenças. Nesse aspecto, chama a atenção o fato de uma maior pontuação na escala de maturidade pessoal se refletir em menores índices de dificuldade na resolução de conflitos em dois dos cinco contextos pesquisados. Esse resultado abre a possibilidade de investigação da relação entre escala de maturidade e resolução de conflitos de forma positiva.

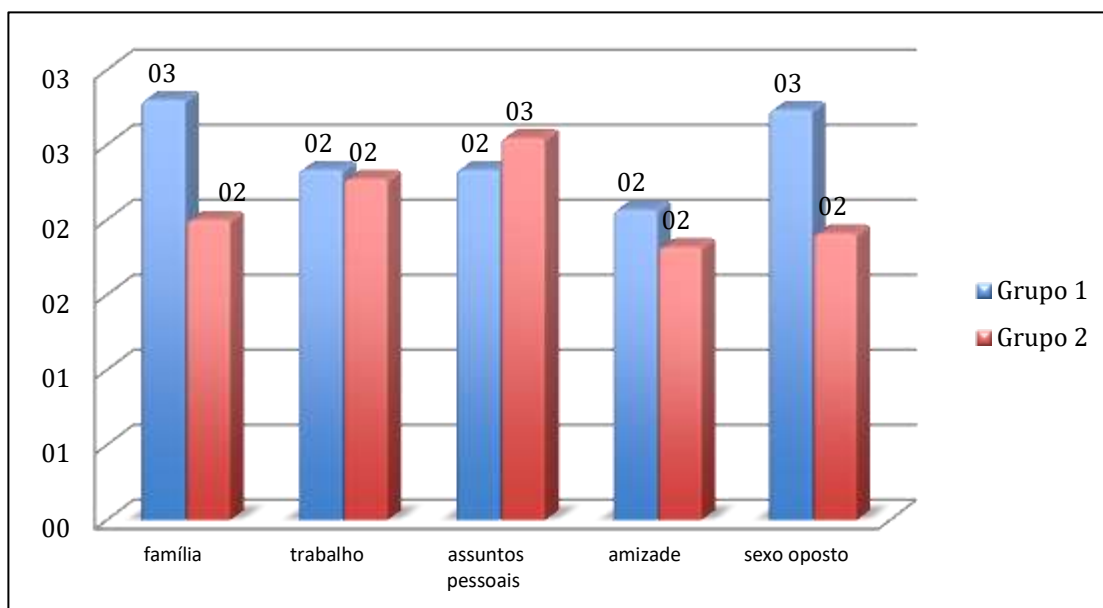


Gráfico 10: Comparação dos grupos com médias diferentes na escala de maturidade pessoal em relação ao grau de dificuldade percebido em função dos diversos contextos.

Quanto ao teste Big 5, a comparação dos grupos apontou diferenças estatisticamente significativas na escala “neuroticismo” ($p=0,03$), onde o grupo 2, com maior pontuação média na escala de maturidade pessoal, apresentou um nível menor. Para fins de análise, quanto menor a pontuação na escala “neuroticismo”, maior a tendência do indivíduo a estabilidade emocional, segurança e auto-satisfação.

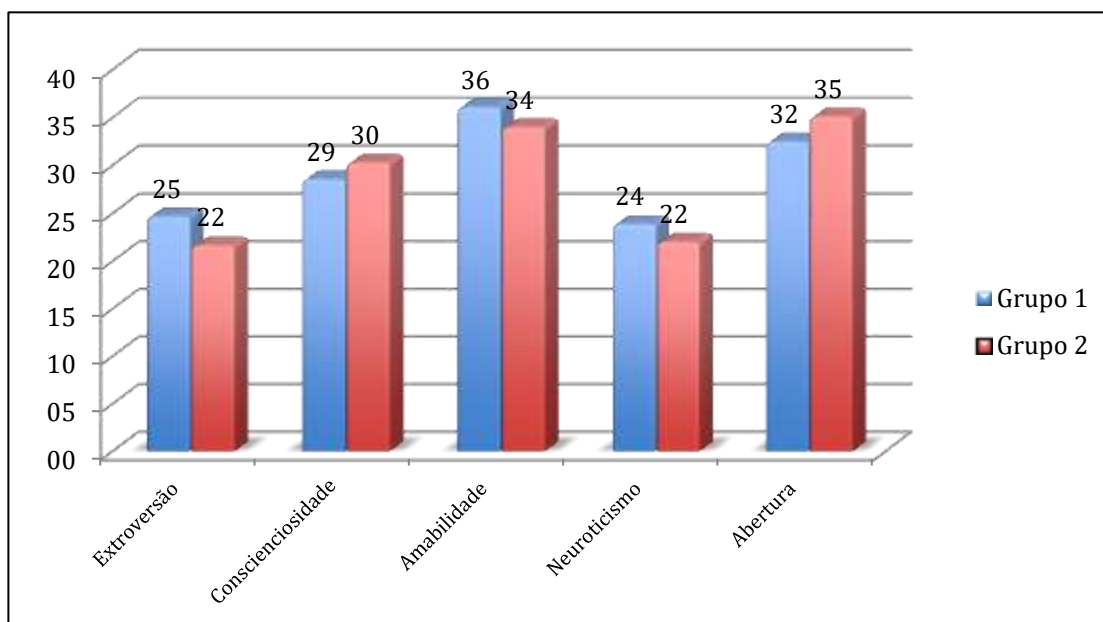


Gráfico 11: Comparação dos grupos com níveis diferentes de maturidade pessoal e o teste Big 5

Quando comparados aos estilos de resolução de conflitos, os dois grupos apresentaram diferenças significativas na dimensão “competição” ($p=0,02$).

Novamente, temos aqui os primeiros sinais de que a escala de maturidade pessoal pode ajudar a identificar a pré-disposição do sujeito a resolver seus conflitos de forma positiva. Um dos aspectos analisados na escala de maturidade é denominado “ética personológica” e tem uma correlação direta quanto ao esforço que uma pessoa faz para ter seus interesses satisfeitos. Esse esforço pode ser caracterizado por um comportamento assertivo, observado em indivíduos que possuem consciência do que é importante para eles e se movimentam em direção ao alcance dos seus objetivos.

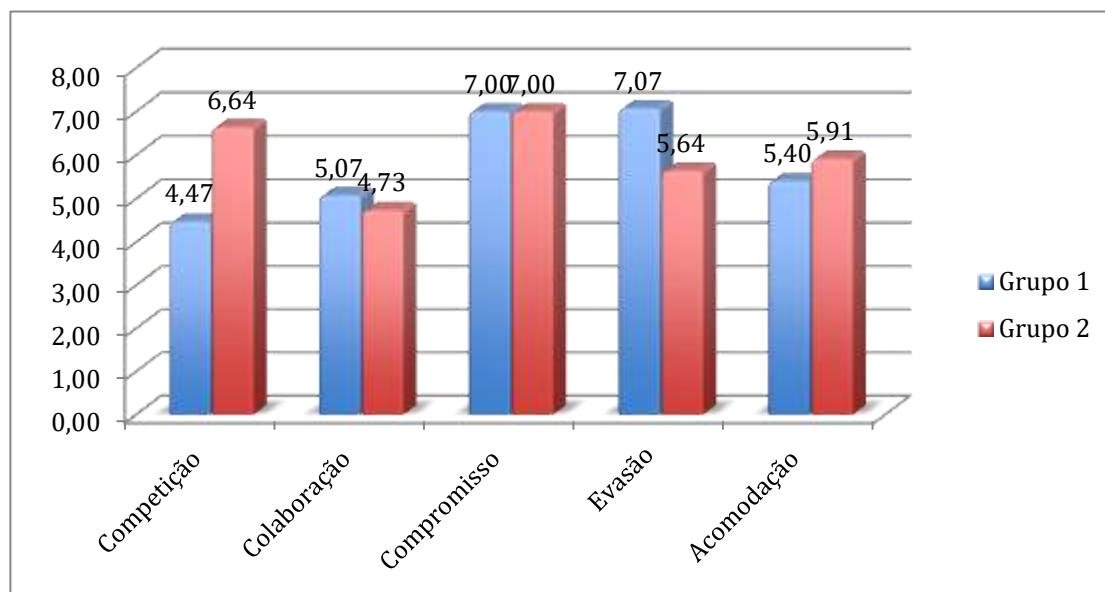


Gráfico 12: Comparação dos grupos com níveis diferentes de maturidade pessoal e os resultados do teste TKI

3.2.4 Comparação dos grupos destacados pela avaliação da dificuldade percebida em resolver conflitos nos contextos “família”, “trabalho”, “negócios particulares”, “amigos” e “sexo oposto”.

Para essa comparação, foram definidos dois grupos. O grupo 1 é composto por pessoas que responderam aos questionário avaliando sua capacidade de resolver conflitos com uma menor dificuldade em todos os contextos de maneira geral. O grupo 2 foi estruturado a partir de pessoas que avaliaram essa capacidade com maior dificuldade. As diferenças significativas foram encontradas nos resultados do teste TKI, mais especificamente nas dimensões “compromisso” ($p=0,05$) e “acomodação” ($p=0,001$). No Gráfico 13, abaixo, podemos observar essa diferença, concluindo, em uma primeira análise, que pessoas que se percebem com maiores dificuldades para resolver conflitos em diversos contextos tendem a ceder mais do que reivindicar

quando se vêem em situações de conflito (caso dos índices mais altos em “acomodação”). Nesse mesmo raciocínio, e conforme o que demonstra o gráfico, pessoas com percepção de menor dificuldade em relação à resolução do conflito nas várias esferas tendem a serem mais assertivos, tentando chegar a um acordo para terem seus interesses satisfeitos, mesmo que para isso tenham que fazer algumas concessões.

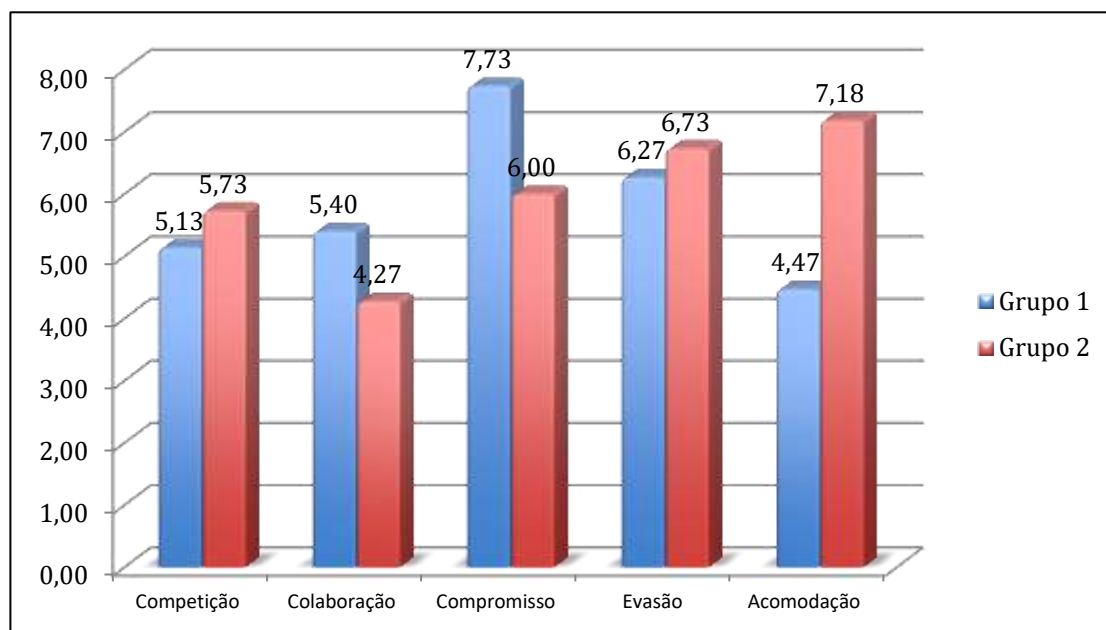


Gráfico 13: Comparação dos grupos destacados por avaliação da dificuldade dos conflitos no estilo pessoal em situações de conflito

A análise comparativa, de forma geral, permitiu a identificação de fatores que podem influenciar a percepção e as atitudes dos indivíduos em relação às situações de conflito por eles vivenciadas. Contudo, essa análise se demonstrou insuficiente e muito ampla para ter elementos concretos de comprovação da hipótese do presente estudo. Dessa forma, foi feita a opção de uma análise correlativa com enfoque prioritário na escala de maturidade em relação aos resultados obtidos por meio dos demais instrumentos de pesquisa.

3.3 Análise de correlação

3.3.1 – Correlação entre escala de maturidade pessoal e escala de satisfação social

Não foram observadas correlações entre as variáveis da escala de maturidade social e o total da

Correlações Satisfação Social e Escala de Maturidade Pessoal			
Satisfação Social	Relativização	-0,12	baixa
Satisfação Social	Responsabilidade	0,04	baixa
Satisfação Social	Ética personológica	-0,03	baixa
Satisfação Social	Visão Subjetiva	-0,20	baixa
Satisfação Social	Controle sobre o objetivo	0,19	baixa
Satisfação Social	Total Escala de Maturidade	-0,06	baixa

escala de satisfação social, conforme a tabela abaixo.

Tabela 4: Correlação entre escala de satisfação social e escala de maturidade pessoal

Na comparação entre grupos observou-se valor p significativa apenas na relação entre total de satisfação social e total de escala de maturidade. Isso indica que há uma diferença significativa ($p=0,09$) entre as médias no teste de satisfação social considerando dois grupos: as pessoas que pontuaram abaixo de 3 (1,4 a 3) e as que pontuaram acima de 3 (3,2 a 5,6) no teste de maturidade pessoal em situações de conflito.

3.3.2 Correlação entre escala de maturidade pessoal e estilos de resolução de conflitos

Ao calcular a correlação ente cada uma das variáveis do teste TKI e a variável “relativização dos valores sociais” encontrou-se correlação substancial positiva com a variável “competição” e correlação invertida moderada com a variável “evasão”.

Correlações Relativização dos valores sociais e TKI			
Relativização dos valores sociais	Competição	0,50	substancial
Relativização dos valores sociais	Colaboração	-0,28	baixa
Relativização dos valores sociais	Concessão	0,07	baixa
Relativização dos valores sociais	Evasão	-0,37	moderada
Relativização dos valores sociais	Acomodação	0,10	baixa

Tabela 5: Correlação entre a relativização dos valores

sociais e as variáveis do teste TKI

No contexto do teste TKI, “competição” representa um estilo ou uma estratégia de resolução de conflitos relacionada com alta assertividade e baixa cooperação. É um estilo voltado ao alcance de resultados, presente em indivíduos com consciência de suas necessidades e interesses mais importantes e que demonstram grande determinação para satisfazê-los. O estilo “evasão” significa a utilização de uma estratégia de evitação do conflito. Nesse caso, o indivíduo opta por não se esforçar para satisfazer seus interesses, bem como por não cooperar para que o outro satisfaça os seus. Pode ser considerada uma tentativa de desengajamento da situação de tensão.

A correlação positiva entre “relativização dos valores sociais” e “competição” e negativa em relação ao estilo “evasão” pode significar a busca pela realização dos interesses de forma acentuada e determinada o que, por um lado pode ser muito positivo, mas com uma grande probabilidade de risco quanto ao desgaste em situações de relação continuada. No entanto, o enfoque principal de investigação do presente estudo é centrado no princípio lógico que precede a estratégia. A escolha do que entendo que me fará bem é precedente ao comportamento e à ação que me move em direção ao objeto da escolha.⁴³

⁴³ MENEGHETTI, Antonio. *I Giovani e L'etica Ontica*. 1. ed., Rome-Italy, Psicologica Editrice, 2010-2011, pg. 47.

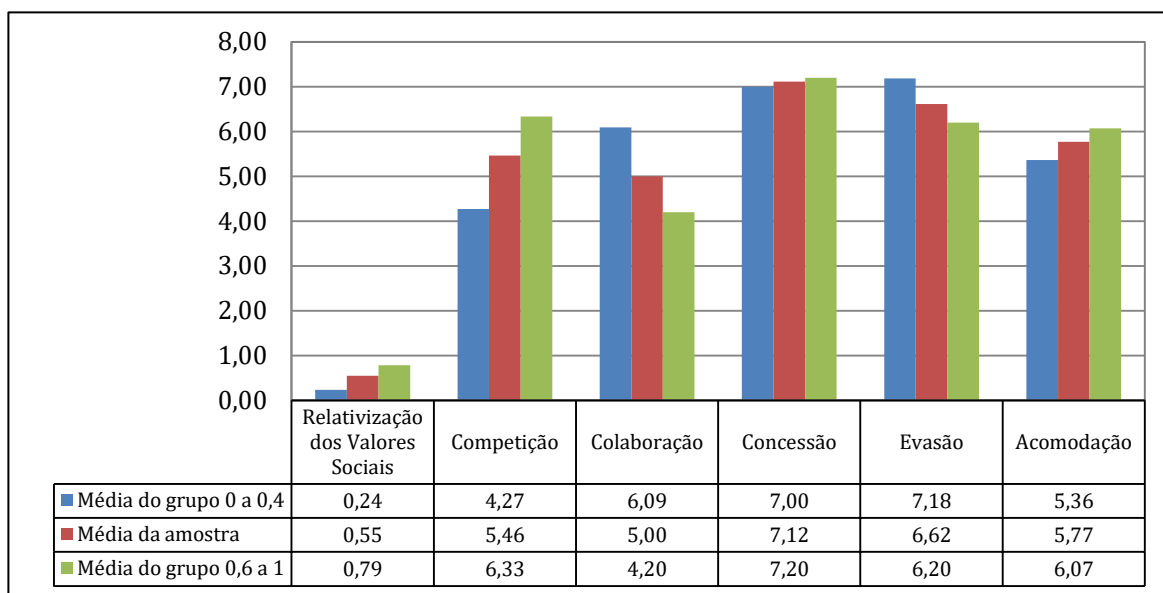


Gráfico 14: Comparação dos grupos de relativização dos valores sociais e os estilos do TKI

Quando analisados na comparação de dois grupos (um com média entre 0 e 0,4 e o outro com média entre 0,6 a 1), foi considerada diferença significativa entre os dois grupos em competição ($p=0,03$) e colaboração ($p=0,08$), conforme o Gráfico 14 acima.

Na correlação entre a dimensão “controle sobre o objetivo” e os estilos de resolução de conflitos do TKI, foi encontrada apenas uma correlação significativa, levando em consideração as médias do total da amostra, conforme a Tabela 6 abaixo. Novamente, evidencia-se o aspecto assertivo nas pontuações mais elevadas das

Correlações Controle sobre o objetivo e TKI			
Controle sobre o objetivo	Competição	0,31	moderada
Controle sobre o objetivo	Colaboração	-0,09	baixa
Controle sobre o objetivo	Concessão	0,01	baixa
Controle sobre o objetivo	Evasão	-0,12	baixa
Controle sobre o objetivo	Acomodação	-0,13	baixa

dimensão
es da
escala de
maturida
de.
Tabela 6:
Correlação
entre a
dimensão

controle sobre o objetivo e os tipos do TKI

Nas comparações do agrupamento com pontuação média de 0,4 e aquele com pontuação média de 0,8, na dimensão “controle sobre o objetivo”, não foram observadas diferenças significativas em nenhuma variável do TKI, conforme demonstrado no Gráfico 15.

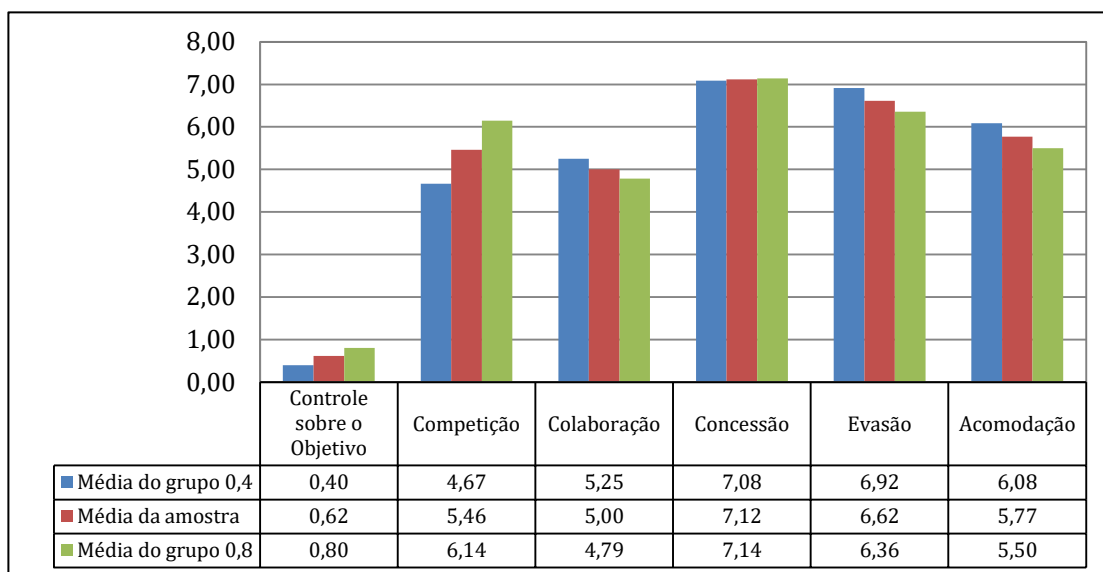


Gráfico 15: Comparação dos grupos de controle sobre o objetivo e os estilos do TKI

Analisando a dimensão “visão subjetiva do outro” e suas correlações com os estilos de resolução de conflitos do TKI, observa-se, na Tabela 7, uma relação moderada invertida na abordagem colaborativa. Observada isoladamente, essa correlação representa uma evidência contrária às expectativas do estudo para validação da hipótese, uma vez que o estilo colaboração, dentro da estrutura do teste TKI, representa uma estratégia de integração dos interesses dos indivíduos em

Correlações Visão Subjetiva do Outro e TKI			
Visão subjetiva do outro	Competição	0,20	baixa
Visão subjetiva do outro	Colaboração	-0,44	moderada
Visão subjetiva do outro	Concessão	0,06	baixa
Visão subjetiva do outro	Evasão	-0,03	baixa
Visão subjetiva do outro	Acomodação	0,24	baixa

conflito, levando, necessariamente, em consideração as necessidades do oponente.

Tabela 7: Correlações entre visão subjetiva do outro e os estilos do teste TKI

Na tentativa de verificar se existe algum resultado expressivo caso a amostra fosse estratificada, foram estabelecidos três grupos distintos com resultados progressivos (média entre 0 e 0,4, média 0,8 e média 1,2 de pontuação). Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas, observa-se que quanto maior a pontuação na dimensão “visão subjetiva do outro” da escala de maturidade pessoal,

maior a pontuação no estilo “acomodação” do teste TKI. Essa constatação sinaliza uma coerência entre o que se pretende investigar na dimensão que leva o outro (na relação de conflito) a ser visto a partir de uma ótica subjetiva.

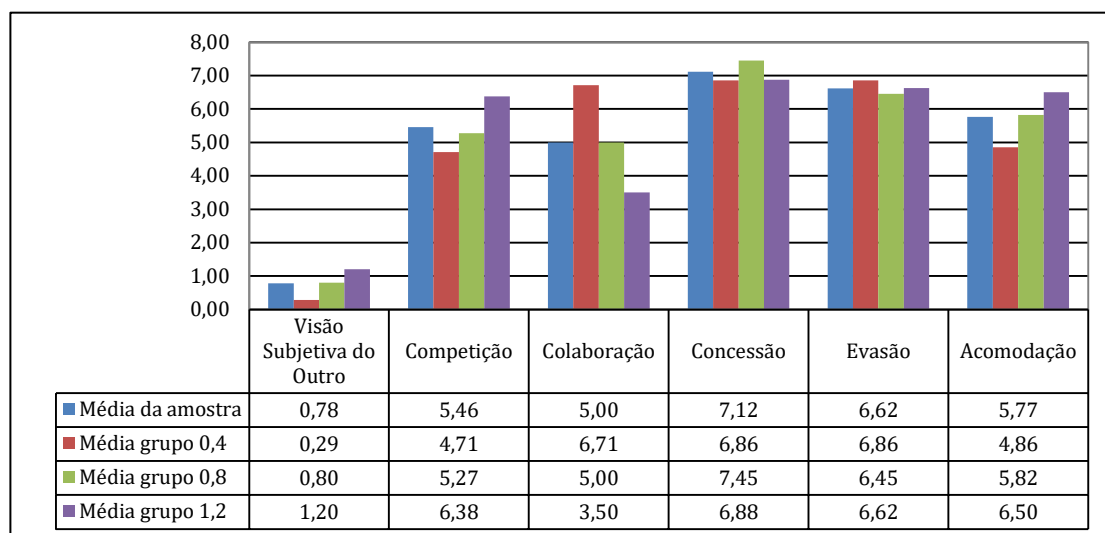


Gráfico 16: Comparação dos grupos de visão subjetiva do outro e os estilos do teste TKI

Quanto à dimensão “responsabilidade”, não foram encontradas correlações significantes (Tabela 8), mesmo quando foi feita a divisão de dois grupos, para efeitos de comparação (Gráfico 17). Esse resultado pode indicar que o que caracteriza a dimensão “responsabilidade” não guarda relação direta com nenhuma das estratégias descritas no teste TKI, sendo necessária a correlação em conjunto com outros resultados da pesquisa e a comparação com outros grupos feita mais a frente no presente

Correlações Responsabilidade e TKI			
Responsabilidade	Evasão	-0,26	baixa
Responsabilidade	Acomodação	0,13	baixa
Responsabilidade	Competição	-0,02	baixa
Responsabilidade	Colaboração	-0,04	baixa
Responsabilidade	Concessão	0,19	baixa

trabalho.

Tabela 8: Correlação entre responsabilidade e os estilos do teste TKI

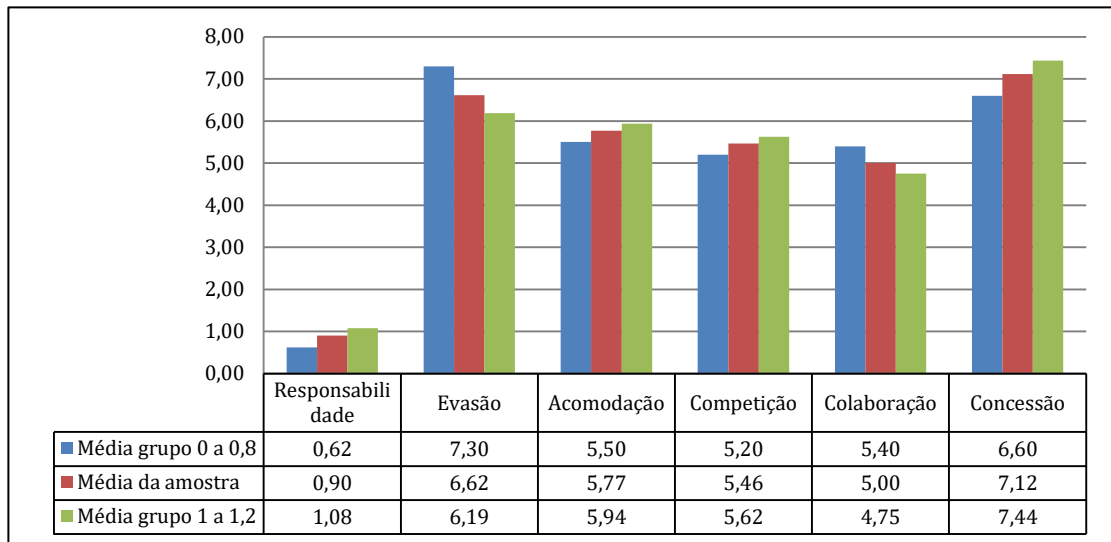


Gráfico 17: Comparação dos grupos de responsabilidade e os estilos do teste TKI

Os resultados das correlações entre a dimensão “ética personológica” e os estilos do TKI apontam relações significativas que reforçam a tese do presente trabalho. Conforme os resultados apresentados na Tabela 9, quanto maior a pontuação nessa dimensão, menor a probabilidade do indivíduo de evadir ou evitar a situação de conflito. Essa correlação é reforçada pelo resultado que evidencia maior tendência a se esforçar por ter seus interesses satisfeitos (competição), na medida em que existe uma maior presença dos fatores que caracterizam uma ética personológica. Portanto, de acordo com a análise dos estilos do TKI, quanto maior a pontuação na estratégia competitiva e menor pontuação na estratégia de evasão, maiores são as características de

Correlações Ética Personológica e TKI			
Ética Personológica	Evasão	-0,34	moderada
Ética Personológica	Acomodação	0,00	nenhuma correlação
Ética Personológica	Competição	0,49	moderada
Ética Personológica	Colaboração	-0,10	baixa
Ética Personológica	Concessão	-0,07	baixa

de assertividade no comportamento do indivíduo. Tabela 9: Correlação entre

ética personológica e os estilos do teste TKI

No entanto, foi encontrada uma evidência importante no momento em que se fez uma comparação entre um grupo que apresentava média 0 e outro que apresentava médias entre 0,9 e 1,8 em ética personológica. Conforme podemos observar no Gráfico 18, foram encontradas diferenças significativas entre as médias dos dois

grupos em evasão ($p=0,04$), competição ($p=0,004$) e colaboração ($p=0,09$). Esse dado é interessante na medida em que indica que, apesar de uma forte orientação competitiva, a dimensão da ética personológica também sinaliza a atitude do indivíduo à colaboração, estratégia que indica que o sujeito se esforça tanto para ter seus interesses satisfeitos como para satisfazer os interesses do outro. De fato, como poderemos ver, a seguir, na análise das correlações que envolvem as cinco grandes traços de personalidade, a ética personológica não significa excluir o que é importante para o outro e sim considerar o que é importante para si em primeiro lugar, hierarquicamente falando.

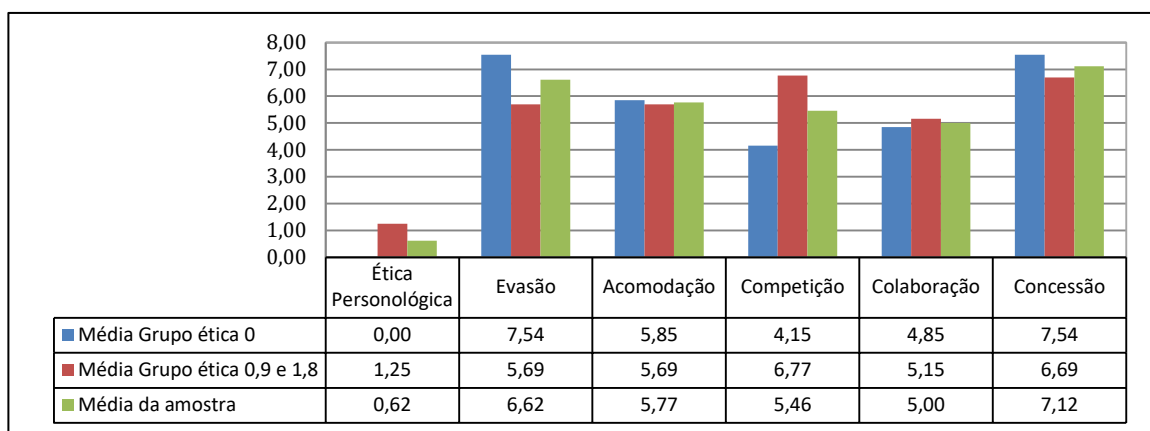


Gráfico 18: Comparação dos grupos de ética personológica e os estilos do teste TKI

A hipótese de que o conjunto dos fatores que formam a escala de maturidade pessoal pode ser um preditor da capacidade do indivíduo de resolver conflitos de forma construtiva, é parcialmente comprovada na correlação entre as médias gerais da escala de maturidade pessoal e os estilos em situações de conflitos do teste TKI. Na Tabela 9, podem ser percebidas as correlações significativas entre a escala de maturidade pessoal e o estilo “competição” (correlação moderada positiva) e o estilo “evasão” (correlação moderada negativa). Isso significa que quanto maior a pontuação na escala de maturidade, maior a tendência dos indivíduos de se esforçarem para terem seus interesses satisfeitos em uma situação de tensão com os interesses de outra pessoa. Significa, ainda, que esses mesmos indivíduos podem apresentar uma menor tendência a evitar essas situações de tensão, não se eximindo

Correlações Total Escala de Maturidade Pessoal e TKI			
Total Escala de Maturidade Pessoal	Competição	0,49	moderada
Total Escala de Maturidade Pessoal	Colaboração	-0,27	baixa
Total Escala de Maturidade Pessoal	Concessão	0,04	baixa
Total Escala de Maturidade Pessoal	Evasão	-0,36	moderada
Total Escala de Maturidade Pessoal	Acomodação	0,10	baixa

de responder às exigências do ambiente em que estão em relação.

Tabela 10: Correlação entre a escala de maturidade pessoal e os estilos do teste TKI

Essas inferências são reforçadas se considerarmos duas amostras: um grupo com total da escala de maturidade pessoal menor ou igual a 3 e outro com pontuação entre 3,1 a 5,6. Observou-se diferença significativa entre as médias de competição ($p=0,01$) e evasão ($p=0,07$), conforme o Gráfico 19.

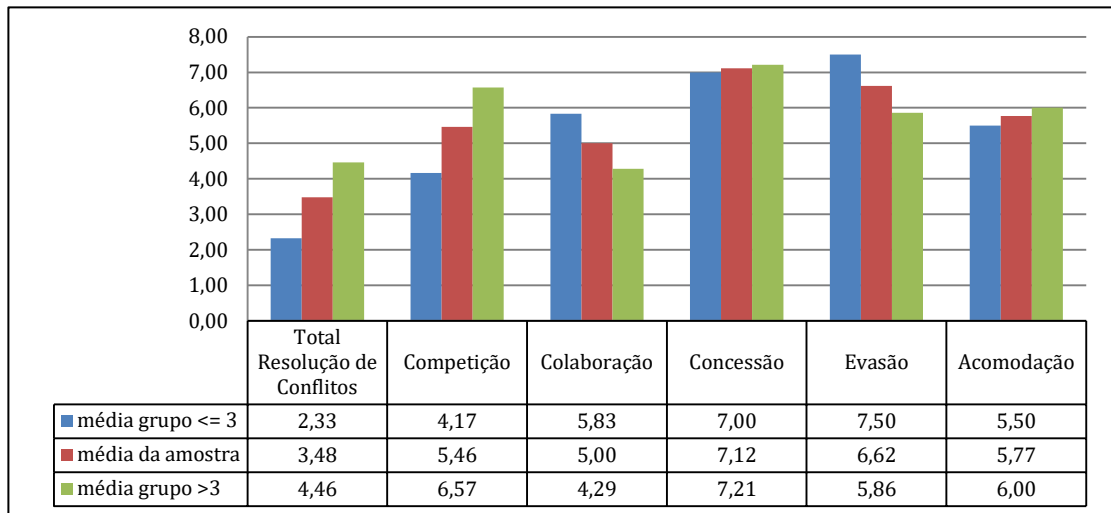


Gráfico 19: Comparação dos grupos de maturidade pessoal e estilos do teste TKI

3.3.3 Correlação entre escala de maturidade pessoal e o teste Big Five

Apesar de indicarem tendências dos indivíduos a utilizarem determinada estratégia ou abordagem ao se depararem com situações de conflito, podendo tais estratégias serem chamadas de estilos, as correlações realizadas entre as dimensões da escala de maturidade pessoal e os cinco estilos do teste TKI não foram tão significativas quanto às correlações feitas com os cinco grandes traços de personalidade do teste Big Five.

Essa constatação se deve, provavelmente, pelo fato dos estilos do teste TKI serem contingenciais e passíveis de serem alterados com mais facilidade do que um traço de personalidade que, em regra, faz parte de estruturas psicológicas mais sólidas e de mudanças mais lentas. Tais características guardariam, portanto, uma relação de semelhança com as dimensões da escala de maturidade pessoal, permitindo que a hipótese do presente trabalho seja testada e, em grande parte, comprovada.

A primeira correlação foi feita entre a dimensão “ética personológica” e os cinco traços do teste Big Five. Essa dimensão foi construída e testada a partir das premissas da Ciência Ontopsicológica sobre a análise do conceito de pessoa e a ética primeira que o indivíduo deve observar caso queira resolver a si mesmo e se desenvolver. Como exposto na revisão bibliográfica e na análise filosófica, sociológica e psicológica no início desse trabalho, o homem permanece irresoluto na medida em que não é considerado prevalente à sociedade e cindido da sua verdadeira natureza. O cientista Antonio Meneghetti, em oposição a essa visão, considera que “para realizar uma sociedade ótima, é necessário ter indivíduos ótimos”, onde “o princípio do bem não está na sociedade, mas nos indivíduos se estes são saudáveis, se possuem uma consciência ôntica, isto é, se conhecem o primeiro bem de si mesmos.”⁴⁴ Portanto, para a Ontopsicologia, se o indivíduo possui uma ética personológica não significa dizer que esse sujeito deve ser egoísta e pensar apenas em si mesmo. Para efeitos do presente estudo, que procura investigar o que pré-determina a atitude dos indivíduos a resolver conflitos de forma positiva para si e para o contexto em que está em relação, o que interessa na pesquisa é verificar se o conceito

⁴⁴ MENEGHETTI, Antonio. *I Giovani e L'etica Ontica*. 1. ed., Rome-Italy, Psicologica Editrice, 2010-2011, pg. 23.

de maturidade pessoal desenvolvido tem relação direta com essa pré-disposição do indivíduo de resolver o conflito para si, levando em consideração também o outro.

De fato, é exatamente nessa ordem que a Ontopsicologia entende que é possível a resolução dos conflitos com ganhos para todos os envolvidos. Antonio Meneghetti, nesse sentido, afirma que “depois de ter feito e experimentado o próprio bem individual interior, então o indivíduo é um colaborador e um coeficiente de valor também para os outros. Mas primeiro o indivíduo deve se construir no próprio interior”.⁴⁵ Nesse sentido, portanto, a primeira obrigação do indivíduo é observar a ética de si mesmo como pessoa, ser para si. Segundo o autor, a regra da vida indica que quanto mais uma pessoa faz bem para si, mais colhe a paz.⁴⁶

Na análise das correlações entre a dimensão ética personológica e os traços de personalidade do teste Big Five, foi observada, de acordo com a Tabela 10, uma relação moderada quanto ao traço “conscienciosidade”, uma relação moderada invertida

Correlações Ética Personológica e Big 5			
Ética Personológica	Extroversão	-0,25	baixa
Ética Personológica	Conscienciosidade	0,30	moderada
Ética Personológica	Amabilidade	-0,42	moderada
Ética Personológica	Neuroticismo	-0,24	baixa
Ética Personológica	Abertura	0,34	moderada

“abertura”.

Tabela 11: Correlação ética personológica e os traços de personalidade do teste Big 5

Especificamente quanto à essa dimensão, temos a evidência de que quanto maior a ética personológica, maior a capacidade e pré-disposição do indivíduo a se manter motivado e dirigido para satisfazer seus interesses e alcançar seus objetivos (conscienciosidade). Esses resultados também sinalizam que quanto maior a pontuação nessa dimensão, maior a tendência do indivíduo a estar aberto a novas experiências e a ser flexível quanto ao que não lhe é familiar (abertura). Quanto ao resultado relacionado ao traço de personalidade “amabilidade”, onde se avalia a

⁴⁵ Idem, ibidem.

⁴⁶ Idem, ibidem.

orientação do indivíduo em relação à interação interpessoal e, portanto, social, o que a pesquisa nos trouxe foi a correlação: quanto maior a ética personológica, menor a amabilidade, ou a preocupação com a qualidade da interação social. Em uma primeira análise, entendi esse resultado como não confirmador da hipótese, uma vez que uma pontuação baixa quanto ao traço “amabilidade” pode significar, também, baixa tendência a querer cooperar com o outro para resolver um determinado conflito ou contraposição. Uma mesma primeira conclusão pôde ser feita a partir da correlação feita com os estilos do teste TKI anteriormente nesse estudo. De fato, aquelas correlações demonstraram relações moderadas com o estilo competição e moderada invertida com o estilo evasão. Porém, quando comparados grupos com maior e menor pontuação na dimensão ética personológica, evidenciaram-se diferenças significativas também no estilo colaboração, indicando que, maior pontuação em ética personológica não significa, necessariamente, uma propensão a não colaborar com o outro e sim em colaborar consigo mesmo em um primeiro momento para, só então, pensar em como colaborar com o outro.

Essa percepção pôde ser comprovada quando comparados dois grupos onde o primeiro possui média 0 e o segundo médias entre 0,9 e 1,8 na dimensão ética personológica. Como pode ser visto no Gráfico 20, há relação significativa com amabilidade ($p=0,04$), neuroticismo ($p=0,07$) e abertura ($p=0,08$). Nesse caso, apenas “abertura” não confirmou o resultado encontrado na análise de correlação.

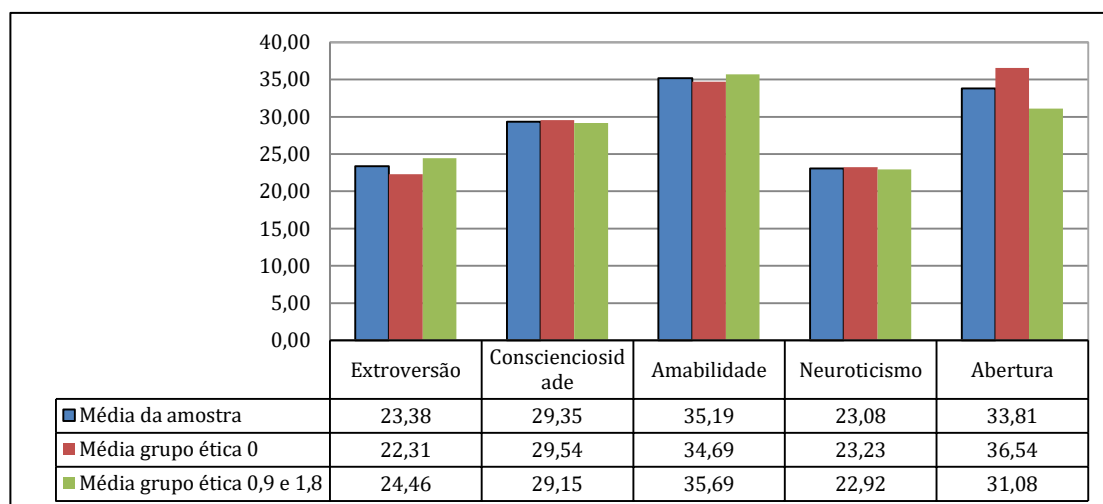


Gráfico 20: Comparação dos grupos ética personológica e os traços de personalidade do teste Big Five

As correlações entre a dimensão “relativização dos valores sociais” e os traços de personalidade do teste Big Five apresentaram resultados que, isoladamente, não reforçam a tese do presente trabalho, com exceção de um dos resultados, conforme

Correlações Relativização dos Valores Sociais e Big 5			
Relativização Valores Sociais	Extroversão	-0,6	Substancial
Relativização Valores Sociais	Conscienciosidade	0,22	baixa
Relativização Valores Sociais	Amabilidade	-0,32	moderada
Relativização Valores Sociais	Neuroticismo	-0,42	moderada
Relativização Valores Sociais	Abertura	0,21	baixa

seguir.

Tabela 12: Correlação relativização dos valores sociais e traços de personalidade do teste Big Five

Os resultados apontam para uma correlação substancial invertida quanto à “extroversão”, sinalizando que quanto maior a pontuação em “relativização dos valores sociais”, maior a tendência do indivíduo em ser reservado, orientado para tarefas e, portanto, menos sociável e orientado para as pessoas. Também em uma correlação de resultado invertido, o traço “amabilidade” em pontuações baixas sinaliza menor disposição para cooperação, confirmando a correlação invertida relacionada à “extroversão”. O resultado que indica uma confirmação da hipótese, nesse caso, está relacionado ao traço “neuroticismo”, que avalia o ajustamento versus a instabilidade emocional (Pervin e John, 2004). Nesse caso, quanto maior a propensão do sujeito a relativizar os valores sociais, maior sua capacidade de adaptação, segurança e auto-satisfação.

Mesmo na comparação de grupos, não foram encontrados resultados diferentes daqueles identificados nas correlações, conforme demonstra o Gráfico 21.

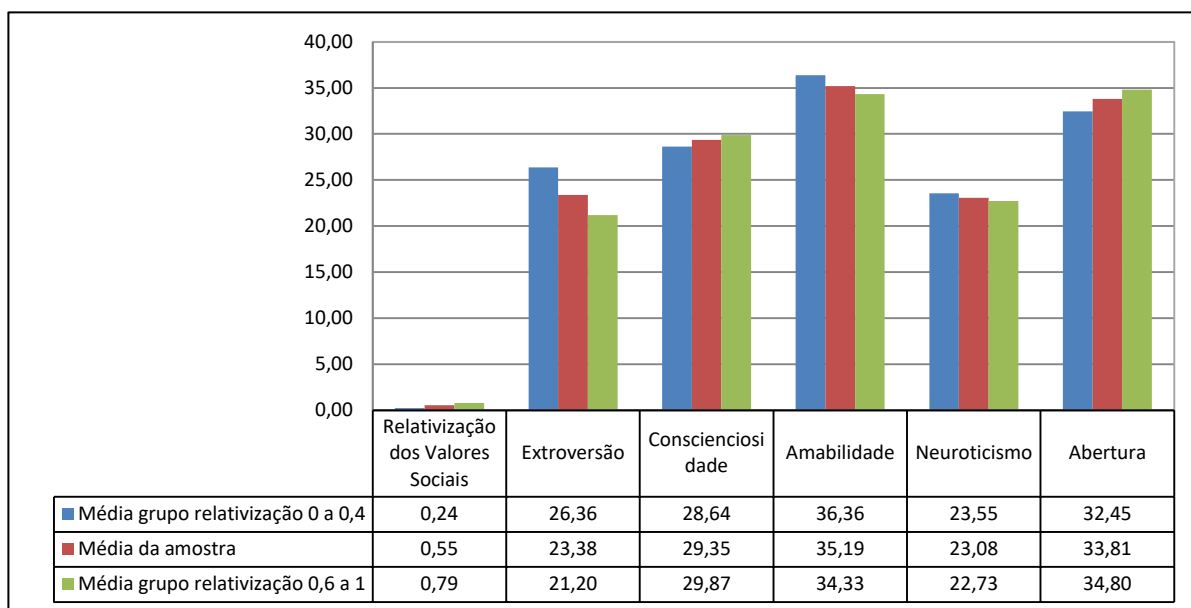


Gráfico 21: Comparação dos grupos de relativização dos valores sociais e os traços do teste Big Five

A dimensão “controle sobre o objetivo”, conforme já apresentado no segundo capítulo do presente trabalho, está relacionada à capacidade do indivíduo de perceber um problema como uma oportunidade de crescimento e avanço em direção à sua meta. A Ciência Ontopsicológica define o controle sobre o objetivo⁴⁷ como um dos cinco critérios para a subjetividade que permite um indivíduo objetivar com exatidão.⁴⁸ Nesse critério específico, o sujeito, ao estabelecer um objetivo que esteja em consonância com seu projeto-base de natureza, quando se vê diante de um problema, utiliza sua capacidade de inteligência e criatividade para resolver a situação para si e para o contexto. Portanto, sinaliza uma necessidade de criatividade, flexibilidade e inovação para pensar em soluções que permitam que o sujeito se aproxime cada vez mais de seus objetivos, a cada problema resolvido.

Os resultados das correlações feitas entre essa dimensão e os traços do teste Big Five confirmam a hipótese, indicando uma relação significativa quanto ao aspecto

⁴⁷ De acordo com a Ciência Ontopsicológica, o controle sobre o objetivo, dentro do contexto dos cinco critérios de exatidão do pesquisador, significa que o sujeito, possuindo o conhecimento subjetivo, “tão logo se encontre diante de uma novidade problemática (o problema é estímulo de inteligência, dá o *starter* à dialética do devir criativo), muda a realidade em vantagem própria. Não a sofre: controla e facilita para si e para o contexto em que se encontra.” – conforme referência bibliográfica feita na nota 48, abaixo.

⁴⁸ MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*, 4. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2010, pg. 142 a 144.

“abertura”, onde quanto maior a pontuação na dimensão “controle sobre o objetivo”, maior a capacidade do mesmo de explorar e encontrar soluções para resolver o ponto

Correlações Controle sobre o Objetivo e Big 5			
Controle sobre o objetivo	Extroversão	-0,20	baixa
Controle sobre o objetivo	Conscienciosidade	0,24	baixa
Controle sobre o objetivo	Amabilidade	-0,14	baixa
Controle sobre o objetivo	Neuroticismo	-0,29	baixa
Controle sobre o objetivo	Abertura	0,36	moderada

var na Tabela 13.

Tabela 13: Correlação controle sobre o objetivo e os traços de personalidade do Big Five

Na comparação entre dois grupos divididos de acordo com pontuação média 0,4 e pontuação média 0,8, também foi encontrada diferença significativa na escala “abertura” ($p=0,09$), confirmando o resultado das correlações.

Nas correlações feitas com a dimensão “visão subjetiva do outro” também foram encontrados resultados alinhados com a investigação proposta no presente estudo. Em complemento ao que já foi exposto no segundo capítulo, por “visão subjetiva do outro”, no contexto da resolução de conflitos, entende-se a capacidade do indivíduo de ser íntimo a qualquer outro. Essa capacidade, segundo Meneghetti, sinaliza o critério de maturidade do sujeito em perspectiva de pedagogia, ou seja, de aprendizado diante dos impactos relacionais entre indivíduo e ambiente.⁵⁰ Na literatura sobre resolução de conflitos, é muito comum, em situações de tensão entre os interesses de dois ou mais indivíduos, a problemática do “eu e os outros”. Na medida em que um indivíduo intenciona em direção a uma meta (que pode significar um valor, um recurso, uma situação de poder, uma pessoa etc), o fato de uma outra pessoa também se mobilizar para satisfazer seus interesses (estando esses em uma

⁴⁹ Meneghetti indica que a criatividade tem aspectos como o metafísico e o psicológico e que podemos entender a criatividade também como “a capacidade de exprimir aquelas soluções que depois colocam o sujeito em vantagem, em realização das próprias urgências” (Meneghetti, 2005).

⁵⁰ MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 2. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2005, pg. 217.

situação de interdependência) gera a percepção de oposição, portanto uma propensão a enxergar o outro como obstáculo entre o sujeito e suas necessidades.⁵¹ Essa dicotomia “eu e o outro”, identificada na pesquisa tradicional sobre o conflito, é vista sob uma ótica inovadora pela Ciência Ontopsicológica. O foco de análise até então, seja em sede sociológica que em sede psicológica, utiliza a premissa de existência do conflito como parte da natureza do homem, portanto, como algo ineliminável em sua essência e constituinte das estruturas elementares do sujeito. Esse é um dos motivos pelos quais, para a pesquisa tradicional, o homem permanece irresoluto. Em sede ontopsicológica, à medida em que o sujeito adquire uma compreensão dos princípios fundamentais que regem a sua intencionalidade, ou seja, seu processo de seleção do que está em consonância com o que já lhe é próprio, passa a perceber o conflito como um problema *ad extra* a ser resolvido a partir de um impulso que, na essência, não é contraditório. Como não vê a si mesmo como um inimigo a ser vencido, transfere essa lógica de relação também para o impacto com os outros. De fato, Meneghetti sinaliza que “no caso do homem maduro, não existe a subjugação dos outros: nele há uma

⁵¹ Um dos métodos mais difundidos na literatura e prática sobre resolução de conflitos prevê um conjunto de quatro princípios básicos para que negociações possam chegar a resultados mais satisfatórios do ponto de vista da integração dos interesses. O primeiro princípio sugere que devemos “separar as pessoas do problema”. Seus autores (Roger Fisher, William Ury e Bruce Patton, 1981) sinalizam que é muito comum a confusão entre o problema (caráter objetivo) e a pessoa (caráter subjetivo), desencadeando, assim, reações de ataque à pessoa, quando o ataque deveria ser ao problema. Confundir a pessoa com o problema, de acordo com os autores, gera nos oponentes a sensação de que eliminando a pessoa, estariam eliminando o problema. Esse e outros princípios estão descritos na obra clássica *Como Chegar ao Sim*, estabelecendo as bases para o que ficou conhecido como o método Harvard de solução de problemas relacionados a conflitos. Na obra *Fundamentos de Negociação*, Lewicki, Saunders e Minton (2001) apresentam uma lista de comportamentos que caracterizam a dinâmica de conflitos altamente polarizados e não-produtivos. Em geral, os comportamentos dos oponentes estão estreitamente ligados a uma visão desqualificadora e negativa do outro. Alguns exemplos de comportamentos citados pelos autores resumidamente são: 1. Atmosfera carregada de raiva, frustração e ressentimento. Desconfiança e hostilidade são direcionadas ao negociador adversário; 2. Cada lado tenta usar os canais de comunicação para criticar e culpar o oponente, enquanto, simultaneamente, tentam fechar o mesmo tipo de comunicação com a outra parte; 3. Os negociadores foram identificados com posições sobre os assuntos e o conflito foi personalizado. Até mesmo se o negociador pudesse fazer uma concessão, ele não a faria devido a uma antipatia forte em relação à outra parte; 4. As partes tendem a perceber grandes diferenças nas suas respectivas posições. O conflito aumenta a magnitude dessas diferenças e minimiza as áreas percebidas como em comum e de acordo; 5. Como há um aumento de raiva e tensão, as partes se tornam mais fechadas em suas posições iniciais de negociação. Em lugar de procurar modos de fazer concessões e buscar um acordo, as partes ficam mais firmes, declarando suas demandas iniciais, e recorrem a ameaças, mentiras e distorções para forçar a outra parte a obedecer a essas demandas. O outro normalmente rebate estas ameaças com contra-ameaças e vingança.

necessidade que os outros cresçam, enquanto o crescimento dos outros determina um aumento também nele”.⁵²

Os resultados das correlações da dimensão “visão subjetiva do outro” confirmam os elementos que estruturam a hipótese da investigação, conforme

Correlações Visão Subjetiva do Outro e Big 5			
Visão subjetiva do outro	Extrovesão	-0,13	baixa
Visão subjetiva do outro	Conscienciosidade	0,15	baixa
Visão subjetiva do outro	Amabilidade	0,37	moderada
Visão subjetiva do outro	Neuroticismo	-0,37	moderada
Visão subjetiva do outro	Abertura	0,13	baixa

pode
mos
obse
rvar
na
Tabe
la
14.

Tabela 14: Correlação visão subjetiva do outro e os traços de personalidade do teste Big Five

A correlação significativa com as escalas de “amabilidade” e “neuroticismo” reforçam a propensão do indivíduo a resolver conflitos de forma construtiva e positiva a partir de uma percepção adequada do outro. Quanto maior a pontuação na dimensão “visão subjetiva do outro”, maior a tendência do indivíduo à empatia e também à sua disposição para lidar positivamente na relação interpessoal. De fato, o traço denominado “amabilidade” avalia a qualidade da orientação interpessoal do indivíduo ao longo de um contínuo que vai da compaixão ao antagonismo em pensamentos, sentimentos e ações (Costa e McCrae, 1992).

Em relação ao grande fator de personalidade denominado por seus pesquisadores como “neuroticismo”, a correlação indica uma significância moderada invertida, onde quanto maior a pontuação em “visão subjetiva do outro”, menor a pontuação na escala “neuroticismo”. Esse resultado reforça a propensão do indivíduo a ter um ajustamento quanto às suas emoções, refletindo esse comportamento em outras características como calma, segurança e auto-satisfação (Costa e McCrae, 1992). Baixas pontuações em “neuroticismo” podem indicar intolerância a situações

⁵² MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 2. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2005, pg. 136.

de tensão, gerando ansiedade e impaciência na interação com o outro, exemplificativamente.

Para verificar se esse resultado poderia ser confirmado na comparação de grupos com pontuação maior e menor em “visão subjetiva do outro”, foi gerada uma base dividindo indivíduos pesquisados com média entre 0 e 0,4, indivíduos com média 0,8 e indivíduos com media 1,2. Observou-se diferença significativa exatamente no traço “neuroticismo” ($p=0,04$), conforme o Gráfico 22, onde pode-se perceber a diminuição da pontuação desse traço na medida em que as pontuações na escala “visão subjetiva do outro” aumentam.

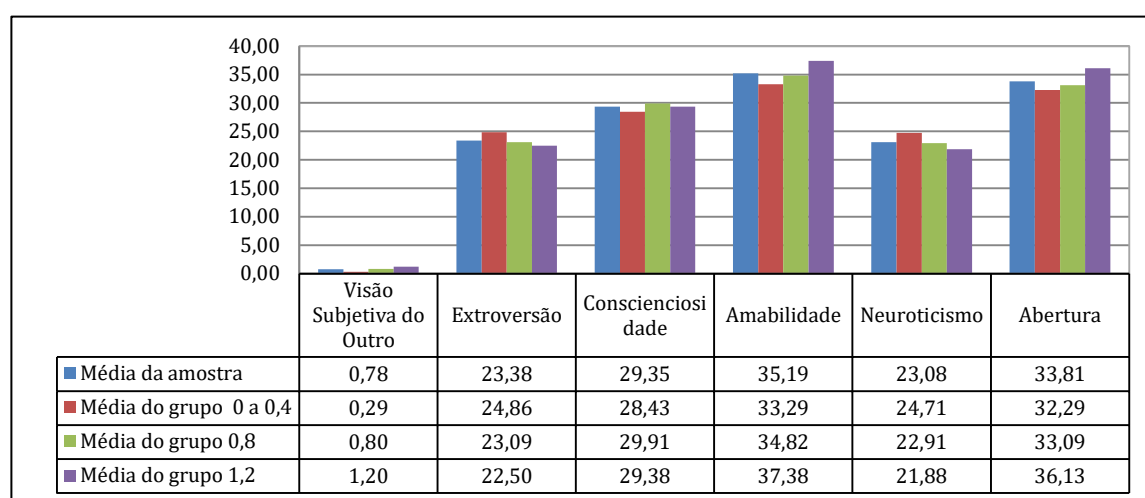


Gráfico 22: Comparação dos grupos de visão subjetiva do outro e os traços do teste Big Five

Antes de apresentar os dados das correlações do total da escala de maturidade pessoal com os traços de personalidade constituintes do teste dos cinco grande fatores (Big Five), vamos analisar os resultados das correlações da dimensão “responsabilidade”.

O conceito de responsabilidade pode ser construído a partir de diversas fontes. De fato, esse é um termo considerado recente, aparecendo pela primeira vez em inglês e em francês, no ano de 1787, e possuía um significado político, utilizado em expressões como “governo responsável” ou “responsabilidade do governo”.⁵³

⁵³ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 1ª Ed., São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2000.

Contemporaneamente, os dicionários, em regra, definem responsabilidade como a obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros.⁵⁴

Sob a ótica ontopsicológica, base utilizada como referência do conceito aplicado na pesquisa, o termo responsabilidade é definido como “situação psicológica na qual o sujeito é necessitado a responder ou existencialmente, ou juridicamente, ou moralmente. Necessita de resposta adequada para salvaguardar a integridade de quem foi chamado. Isto implica uma identidade que objetiva a interação daquele que estimula ou apela em condições de condicionar para pior o estado do provocado, no caso deste se eximir ou reagir em modo impróprio.”⁵⁵

Para a Ciência Ontopsicológica, a responsabilidade é um conceito-chave que chega a ser indicado como o principal conceito de toda a pedagogia,⁵⁶ uma vez que é apontado como a faculdade do indivíduo de equilibrar, ponderar a multiplicidade de atitudes da *res* ou coisa (o que ponderar). Na perspectiva da resolução de conflitos, esse conceito também se apresenta como central, na medida em que os indivíduos devem ser capazes de responder à situação de contradição criada por eles próprios. Para efeitos da presente investigação, optou-se por avaliar a pré-disposição do indivíduo a responsabilizar-se nas situações de conflito. A dimensão “responsabilidade”, que compõe a escala geral de maturidade pessoal, tem uma estreita relação com a tendência do indivíduo de não evitar as contraposições dialéticas originadas de suas próprias atitudes, vontades, desejos e ações. A consideração que se faz, na abordagem ontopsicológica, é de que “...tanto na faculdade de responder, como na de confrontar, implica um primeiro elemento: o Eu. Elemento justificável numa relação triádica: Eu, tu e a *res*. Eu estou aqui, os eventos acontecem, introduzem-se em mim. Eu devo reagir. Evitá-los significaria a

⁵⁴ KOOGAN, A. e HOUAISS, A. Enciclopédia e Dicionário Ilustrado. 4.ed., Rio de Janeiro, Ed. Seifer, 1999.

⁵⁵ MENEGHETTI, A. Dicionário de Ontopsicologia. 2. ed., São Paulo, Ontopsicologica Ed., 2001.

⁵⁶ Pedagogia aqui entendida a partir da ótica ontopsicológica onde, a partir da descoberta do critério-base de natureza ou Em Si ôntico, estabelece que uma vez individuado esse critério, “caso se consiga fazer uma pedagogia que consinta o desenvolvimento do projeto de natureza, obtém-se como resultado um indivíduo, antes de tudo sadio e, depois, em condições de realizar a própria existência de modo criativo”. Conforme MENEGHETTI, A. *Pedagogia Ontopsicológica*. 2. ed., Recanto Maestro-RS, Ontopsicológica Ed. Universitária, 2005.

prevalência deles. A responsabilidade é, simultaneamente, responder confrontando tanto um quanto o outro.”⁵⁷

Na correlação feita a partir dos resultados da pesquisa, foi encontrada uma relação substancial com a escala de “neuroticismo”, conforme podemos observar na

Tabela 15:

Correlações Responsabilidade e Big5			
Responsabilidade	Extroversão	0,11	baixa
Responsabilidade	Conscienciosidade	0,17	baixa
Responsabilidade	Amabilidade	-0,05	baixa
Responsabilidade	Neuroticismo	-0,50	substancial
Responsabilidade	Abertura	0,22	baixa

responsabilidade com os traços de personalidade do teste Big Five

Estudos comparativos entre as escalas do teste Big Five e os estilos caracterizados a partir dos instrumentos construídos por Blake & Mouton, primeiramente, e por Thomas & Kilmann, em um segundo momento, apontam que altos escores em estabilidade emocional são preditores de uma forte preferência pelos estilos mais assertivos (competição e colaboração), enquanto que baixos escores na capacidade de se manter estável emocionalmente são preditores de uma forte preferência pelo estilo de evitação em situações de conflito.⁵⁸ Tais descobertas reforçam a orientação que fundamenta a construção da dimensão “responsabilidade” na escala de maturidade, sinalizando a necessidade do indivíduo de responder às situações de conflito ao invés de evitá-las. Na comparação feita com grupos divididos por médias entre 0 a 0,8 e 1 a 1,2, não foi encontrada nenhuma correlação significativa.

Ao correlacionar o total da escala de maturidade pessoal da amostra com os traços de personalidade do teste Big Five, foram identificadas correlações significativas com “extroversão”, “conscienciosidade”, “neuroticismo” e “abertura”, conforme a Tabela 16, abaixo.

Correlações total de escala de maturidade pessoal e Big 5	
---	--

Ed. Universitaria, 2005, pg. 212.

⁵⁸ ANTONIONI, D. *Personality and Conflict. The International Journal of Conflict Management*, Vol. 9, No. 4, October 1998.

Total de maturidade pessoal	Extroversão	-0,33	moderado
Total de maturidade pessoal	Conscienciosidade	0,33	moderado
Total de maturidade pessoal	Amabilidade	-0,24	baixa
Total de maturidade pessoal	Neuroticismo	-0,49	moderado
Total de maturidade pessoal	Abertura	0,38	moderado

Tabela 16: Correlação total escala de maturidade e traços de personalidade do teste Big Five

Os resultados das correlações permitem comprovar, em parte, a hipótese da pesquisa. A correlação moderada invertida em “extroversão” chamou a atenção pelo fato desse traço, com altos escores, estar associado às abordagens mais integrativas e competitivas de resolução de conflitos e portanto, mais assertivas. Essa correlação invertida pode ter sido influenciada pelos resultados da escala de “relativização dos valores sociais” que apresentou uma relação significativa substancial invertida também com o traço “extroversão”. Levando em consideração que o presente trabalho pretende investigar as condições que pré-determinam a disposição do indivíduo de resolver conflitos de forma positiva, o enfoque primário com ênfase nas causas que geram a percepção e as atitudes do indivíduo frente a essas contraposições pode gerar a necessidade de análises mais detidas. Em um primeiro momento, se colocarmos a ênfase no comportamento, as pontuações mais elevadas em “extroversão” podem sinalizar maior propensão a estratégias que exigem maior eloquência, entusiasmo, sociabilidade e articulação verbal. Entretanto, se colocarmos a ênfase no modo como o indivíduo se coloca diante de uma situação de conflito, em antecipação a qualquer comportamento (foco da presente pesquisa), então podemos inferir novas possibilidades levando em consideração os aspectos psicológicos que fundamentam as dimensões “ética personológica”, “relativização dos valores sociais” e “responsabilidade”. McCrae (2006) assinala que os extrovertidos buscam agitação e têm características alegres. Os introvertidos, por sua vez, são sérios, inibidos e demonstram certa necessidade de solidão. Os introvertidos não são necessariamente tímidos, podendo até ter boas habilidades sociais e ser livres de ansiedade social. Muitas vezes, os introvertidos simplesmente preferem evitar a companhia de outras pessoas.

Nas demais correlações, os resultados confirmam a hipótese na medida em que sinalizam relações significativas em “conscienciosidade”, “neuroticismo” e “abertura”. No fator “conscienciosidade” é característico o controle de impulsos, bem

como comportamentos direcionados a um objetivo específico, que podem facilitar a execução de obrigações e deveres (Benet-Martínez & John, 1998). Indivíduos conscienciosos são geralmente cautelosos, dignos de confiança, organizados e responsáveis. Segundo Freitas, Teixeira e Pasquali (2005), a dimensão “conscienciosidade” tem se mostrado boa preditora de desempenho escolar, desempenho no treinamento e no trabalho.⁵⁹ De acordo com as correlações realizadas, quanto maior a pontuação na escala de maturidade pessoal, maiores os escores de “conscienciosidade”.

Nessa mesma linha de análise, o fator “neuroticismo”, também chamado de “instabilidade emocional”, quando pontuado com escores baixos sinaliza indivíduos geralmente nervosos, altamente sensíveis, tensos e preocupados. Por outro lado, indivíduos emocionalmente estáveis (escores altos) são calmos e satisfeitos (Friedman & Schustack, 2004; McCrae, 2006). De acordo com Benet-Martínez & John (1998), o traço “neuroticismo” contrasta estabilidade emocional com afetos negativos, incluindo ansiedade, tristeza, irritabilidade e tensão nervosa.⁶⁰ Na correlação apresentada na Tabela 16, acima, podemos observar que quanto maior a pontuação na escala de maturidade pessoal, menores são os escores em “neuroticismo”, confirmando a hipótese da pesquisa.

Pontuações altas em relação ao fator “abertura”, também chamado de “cultura”, “imaginação” ou “intelecto”, sinalizam indivíduos francos, imaginativos, espirituosos, originais e artísticos. Por outro lado, indivíduos com baixa pontuação nessa dimensão são superficiais, comuns ou simples (Friedman & Schustack, 2004). Esse fator também descreve a complexidade, abertura e profundidade da mente humana (Benet-Martínez & John, 1998).⁶¹ A correlação moderada positiva observada na Tabela 16, novamente reforça a hipótese de que existe uma relação direta entre maturidade pessoal e fatores que pré-determinam condições psicológicas favoráveis nos indivíduos para resolverem conflitos de forma positiva.

⁵⁹in ANDRADE, J. M. de. Evidências de Validade do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para o Brasil. Tese de doutorado defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília em dezembro de 2008.

⁶⁰ Idem, ibidem.

⁶¹ Idem, ibidem.

A hipótese é reforçada, também, quando analisamos o resultado da comparação do grupo de indivíduos com pontuação menor que 3,0 em relação ao grupo de indivíduos com pontuação acima de 3,0. Conforme pode-se observar no Gráfico 23, à exceção do fator “abertura”, os demais fatores repetiram o resultado das correlações apresentadas acima.

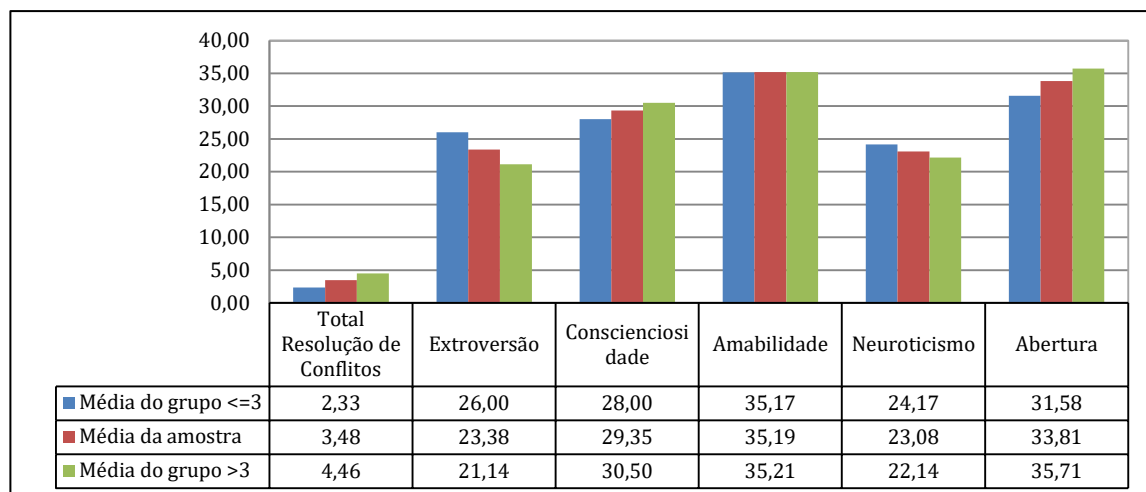


Gráfico 23: Comparação dos grupos de escala de maturidade pessoal com os traços de personalidade do teste Big Five

CONCLUSÃO

A presente pesquisa concentrou-se em verificar se as particularidades individuais definidas como relativização dos valores sociais, responsabilidade, ética personológica, visão subjetiva do outro e controle sobre o objetivo determinam, preliminarmente, a percepção e o comportamento positivo do indivíduo frente aos seus conflitos.

Como foco principal, portanto, a investigação teve como escopo verificar se o conjunto dessas particularidades individuais pode ser definido como um indicador de maturidade pessoal, funcionando como um preditor da capacidade do indivíduo de resolver conflitos de forma construtiva.

A primeira conclusão que se pode fazer é que é possível estabelecer parâmetros preliminares objetivos de análise dos fatores que determinam a tendência do indivíduo a desenvolver comportamentos positivos que contribuem para resolver seus conflitos de forma construtiva para si e para o contexto em que está inserido.

Essa primeira conclusão é reforçada, principalmente, pelos resultados das análises comparativas e de correlação feitas tendo como base a escala de maturidade pessoal desenvolvida especificamente para o presente estudo. A partir dessas análises foi possível estabelecer as seguintes conclusões complementares:

- a) os indivíduos que obtiveram as maiores pontuações na escala de maturidade pessoal, desenvolvida a partir da abordagem ontopsicológica, apresentaram uma maior tendência a serem assertivos em situações de tensão onde seus interesses estão em contraposição com os interesses dos outros e, por conseqüência, uma maior tendência a não evitar tais situações, caracterizando um comportamento de fuga ou evasão;
- b) além de uma maior propensão a se esforçar para terem seus interesses satisfeitos, os indivíduos que apresentaram as maiores médias na escala de maturidade pessoal obtiveram escores mais positivos em três dos cinco grandes fatores de personalidade, definidos em um dos inventários de personalidade mais aceitos e utilizados hoje no meio científico. Pontuações positivas nesses

fatores são vistas como preditores de comportamentos e estratégias mais apropriadas para a resolução construtiva e positiva de conflitos. A escala de maturidade pessoal permite identificar a pré-disposição do indivíduo a apresentar tais preditores;

- c) Pontuações mais elevadas na escala de maturidade pessoal em resolução de conflitos indicaram maiores níveis de satisfação social.

Como conclusão final, os resultados da pesquisa permitem comprovar, em grande medida, a hipótese do presente trabalho. Mais do que isso, utilizando os parâmetros da Ciência Ontopsicológica para construção do instrumento que avalia a escala de maturidade pessoal, pode-se iniciar uma nova estrada de investigação no campo da administração e resolução de conflitos. Para tanto, faz-se necessário o aperfeiçoamento do instrumento utilizado e sua validação em larga escala. De todo modo, o autor acredita ter contribuído para ampliar a área de pesquisa de um campo que tem muito ainda a ser explorado.

RESUMO

A investigação do conflito, suas causas, conseqüências e estratégias de resolução vem ganhando grande notoriedade, sobretudo a partir do fim da Segunda Grande Guerra. Sua pesquisa sempre desafiou grandes nomes das ciências sociais, psicológicas, políticas e econômicas. No centro de todo o estudo e pesquisa sobre o conflito sempre está o homem, seja como indivíduo ou como sociedade.

Paradoxalmente, ainda não se chegou a um consenso sobre as verdadeiras causas do conflito e muitas são as estratégias e abordagens prescritivas para solucioná-lo de forma construtiva e positiva. Compreender o conflito passa antes pela nossa capacidade de compreender o homem, sua estrutura e sua dinâmica.

A resolução do conflito é um campo vasto a ser explorado e o presente estudo pretende acrescentar uma nova contribuição para essa instigante pesquisa. *O que determina, preliminarmente, a possibilidade do indivíduo resolver seus conflitos de forma positiva para si e para o contexto em que está em relação?* Esse questionamento serviu de motivação para a investigação aqui apresentada e para a elaboração de um instrumento que permitisse avaliar a pré-disposição do indivíduo a

resolver seus conflitos em vantagem para si e para o ambiente. Foi, então, construída uma escala de maturidade pessoal em resolução de conflitos com base em conceitos advindos da Ciência Ontopsicológica. A escala é composta pelas dimensões “ética personológica”, “responsabilidade”, “relativização dos valores sociais”, “visão subjetiva do outro” e “controle sobre o objetivo”.

Para fins de investigação, a escala de maturidade pessoal foi correlacionada com outros instrumentos que identificam o nível de satisfação ou frustração social, o estilo pessoal em situações de conflito e as características principais da personalidade do indivíduo por meio de cinco grandes fatores. Foram, também, feitas comparações com grupos que apresentavam maior e menor pontuação nessa escala.

Os resultados da pesquisa demonstraram que a maturidade pessoal, sob a ótica ontopsicológica, é um fator que pode determinar, preliminarmente, a propensão do indivíduo a resolver seus conflitos de forma positiva. Foi observado que indivíduos com maior pontuação na escala de maturidade pessoal tendem a evitar menos seus conflitos, a serem mais assertivos com tendência a estratégias integrativas, a terem maior determinação e foco no alcance de seus objetivos, a serem mais criativos e abertos a novas experiências e, sobretudo, a apresentar uma maior estabilidade emocional e satisfação consigo mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ANTONIONI, D. **Personality and Conflict**. In: The International Journal of Conflict Management, Vol. 9, No. 4, October 1998.
- BLAKE, R. & MOUTON, J. **O Grid Gerencial: a chave para a liderança eficaz**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2000.
- BOUDON, R. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- DEUSTCH, M. **A Resolução do Conflito: processos construtivos e destrutivos**, New Haven: Yale University Press, 1977 – traduzido e parcialmente publicado em André Gomma (org.) Estudos em Arbitragem, Mediação e Negociação, Vol. 3. Brasília: Ed. Grupos de Pesquisa, 2004.
- FISCHER, R. et al. **Como Chegar ao Sim: a negociação de acordos sem concessões**. São Paulo: Imago, 2005.
- FRAGER, R. & FADIMAN, J. **Personality and Personal Growth**. 6 ed. New York: Pearson Prentice Hall.
- GOODWIN, J. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- KILMANN, R. H. & THOMAS, K. W. **Interpersonal Conflict-Handling Behavior as Reflections of Jungian Personality Dimensions**. in Psychological Reports, 37, 1975, pp. 315-318.
- LEWICKI, R. J. et al. **Fundamentos da Negociação**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.
- MAYER, B. **The Dynamics of Conflict Resolution: a practitioner's guide**. São Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- MCCRAE, R. R. **O que é personalidade?** Em C. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.), *Introdução à psicologia das diferenças individuais* (pp. 203-218). Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. São Paulo, Ontopsicológica, 2001.
- _____. **I Giovani e L'etica Ontica**. 1. ed. Roma: Psicologica Editrice, 2010-2011.
- _____. **Pedagogia Ontopsicológica**. 2. ed. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica, 2005.
- _____. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica, 2010.

_____. **Nova Fronda Virescit: introdução à Ontopsicologia para jovens.** 1. ed. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica, 2006.

_____. **O Em Si do Homem.** 5. ed. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica, 2004.

MENKEL-MEADOW, C. *et al.* **Dispute Resolution: Beyond the Adversarial Model.** Washington D.C.: Aspen Publishers, 2005.

MNOOKIN, R. *et al.* **Beyond Winning: negotiation to create value.** In Deals and Disputes. Cambridge MA: Harvard University Press, 2004.

WESTEN, D. **The Scientific Legacy of Sigmund Freud: toward a psychodynamically informed psychological science.** In: Psychological Bulletin, 1998, Vol. 124, No. 3, p. 345.

PASQUALI, L. **Os tipos humanos: a teoria da personalidade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

THOMAS, K. **Conflict and Conflict Management.** in M. D. Dunnette (Ed.), Handbook of Industrial and Organizational Psychology (pp. 889-935), Chicago: Rand-McNally, 1976.

URY, William. **O Poder do Não Positivo.** São Paulo: Campus, 2008.

_____. **Supere o não: negociando com pessoas difíceis.** São Paulo: Best Seller, 2005.

ANEXOS

ANEXO 01: Inventário dos cinco grandes fatores de personalidade (teste Big Five)

Nome: _____

Data ___/___/___

Instruções

A seguir, encontram-se algumas características que podem ou não lhe dizer respeito. Por favor, para cada item, escolha um dos números na escala que melhor expresse sua opinião em relação a você mesmo. Vale ressaltar que não existem respostas certas ou erradas. O

1	2	3	4	5	6	7
Não se refere a mim absolutamente	Não se refere a mim	Não se refere a mim de forma geral	É difícil definir se isto se refere a mim ou não	Se refere a mim de forma geral	Se refere bastante a mim	Se refere a mim completamente

mais importante é como você vê a si mesmo.

1	É amável, tem consideração pelos outros	1 2 3 4 5 6 7	16	Insiste até concluir a tarefa ou trabalho	1 2 3 4 5 6 7
2	É inventivo, criativo	1 2 3 4 5 6 7	17	É sociável, extrovertido	1 2 3 4 5 6 7
3	É temperamental, muda de humor facilmente	1 2 3 4 5 6 7	18	É original, tem sempre novas ideias	1 2 3 4 5 6 7
4	Pode ser um tanto descuidado	1 2 3 4 5 6 7	19	Gosta de cooperar com os outros	1 2 3 4 5 6 7
5	É reservado	1 2 3 4 5 6 7	20	Mantém-se calmo nas situações tensas	1 2 3 4 5 6 7
6	Gosta de refletir, brincar com as ideias	1 2 3 4 5 6 7	21	É, às vezes, tímido, inibido	1 2 3 4 5 6 7
7	Fica nervoso facilmente	1 2 3 4 5 6 7	22	Procura ser uma pessoa agradável	1 2 3 4 5 6 7
8	Faz planos e os segue a risca	1 2 3 4 5 6 7	23	Valoriza o artístico, o estético	1 2 3 4 5 6 7
9	É conversador, comunicativo	1 2 3 4 5 6 7	24	É relaxado, controla bem o estresse	1 2 3 4 5 6 7
10	É prestativo e ajuda os outros	1 2 3 4 5 6 7	25	Faz as coisas com eficiência	1 2 3 4 5 6 7
11	É emocionalmente estável, não se altera facilmente	1 2 3 4 5 6 7	26	É assertivo, não teme expressar o que sente	1 2 3 4 5 6 7
12	Tende a ser desorganizado	1 2 3 4 5 6 7	27	É minucioso, detalhista no trabalho	1 2 3 4 5 6 7
13	Tende a ser quieto, calado	1 2 3 4 5 6 7	28	Simpatiza facilmente com as pessoas	1 2 3 4 5 6 7
14	É curioso sobre muitas coisas diferentes	1 2 3 4 5 6 7	29	Fica tenso com frequência	1 2 3 4 5 6 7
15	É cordial	1 2 3 4 5 6 7	30	Tem uma imaginação fértil	1 2 3 4 5 6 7

ANEXO 2: Teste TKI – Thomas-Kilmann Conflict Mode Instrument

Instruções para preenchimento do instrumento

Considere situações de conflito nas quais você encontra seus interesses divergindo daqueles de outra pessoa. Como você reage a essas situações?

Nas páginas seguintes existem vários pares de afirmações descrevendo possíveis comportamentos. Para cada par, por favor, circule a afirmação correspondente à letra “A” ou à letra “B”, considerando aquela que é mais característica do seu comportamento.

Em alguns casos, nem a afirmação da letra “A” ou da letra “B” podem ser muito típicas do seu comportamento, porém pedimos que você selecione a resposta que se aproxima mais do tipo de comportamento que você adotaria.

1.	<ul style="list-style-type: none"> a) Existem momentos onde eu deixo que outros assumam a responsabilidade por resolver os problemas. b) Em vez de negociar os pontos em que discordamos, eu tento dar ênfase nos pontos em que concordamos.
2.	<ul style="list-style-type: none"> a) Eu tento encontrar uma solução de compromisso. b) Eu procuro atender todos os interesses dele/dela e os meus.
3.	<ul style="list-style-type: none"> a) Normalmente, sou firme na busca dos meus objetivos. b) Eu posso tentar acalmar os sentimentos dos outros e preservar nosso relacionamento.
4.	<ul style="list-style-type: none"> a) Eu tento achar uma solução de compromisso. b) Algumas vezes eu sacrifico meus próprios desejos em benefício dos desejos de outra pessoa.
5.	<ul style="list-style-type: none"> a) Frequentemente procuro a ajuda de outras pessoas para encontrar a solução para um problema. b) Eu procuro fazer o que for necessário para evitar tensões inúteis.
6.	<ul style="list-style-type: none"> a) Eu procuro não criar problemas para mim mesmo. b) Eu tento fazer com que meu argumento seja vitorioso.
7.	<ul style="list-style-type: none"> a) Eu procuro adiar uma questão para conseguir um tempo para pensar sobre o assunto. b) Eu desisto de alguns pontos em troca da obtenção de outros.
8.	<ul style="list-style-type: none"> a) Normalmente sou firme na busca dos meus objetivos. b) Eu procuro discutir minhas questões e preocupações abertamente.
9.	<ul style="list-style-type: none"> a) Eu penso que nem sempre vale a pena me preocupar com diferenças. b) Faço algum esforço para que as coisas saiam do meu jeito.
10.	<ul style="list-style-type: none"> a) Normalmente, sou firme na busca dos meus objetivos. b) Eu tento achar uma solução de compromisso.
11.	<ul style="list-style-type: none"> a) Eu procuro discutir minhas questões e preocupações abertamente. b) Eu posso tentar acalmar os sentimentos dos outros e preservar nosso relacionamento.
12.	<ul style="list-style-type: none"> a) Algumas vezes evito adotar posições que podem criar controvérsia. b) Deixarei a outra pessoa vencer em alguns de seus pontos se ela/ele deixar que eu vença em alguns dos meus.
13.	<ul style="list-style-type: none"> a) Eu proponho um meio-termo. b) Faço pressão para que meus pontos sejam atendidos.
14.	<ul style="list-style-type: none"> a) Eu compartilho minhas idéias com as outras pessoas e peço que elas

	<p>compartilhem suas idéias comigo.</p> <p>b) Eu procuro mostrar ao outro a lógica e os benefícios do meu ponto de vista.</p>
15.	<p>a) Eu posso tentar acalmar os sentimentos dos outros e preservar nosso relacionamento.</p> <p>b) Eu procuro fazer o que for necessário para evitar tensões inúteis.</p>
16.	<p>a) Eu procuro não ferir os sentimentos dos outros.</p> <p>b) Eu tento convencer a outra pessoa em relação aos méritos e vantagens de meu ponto de vista.</p>
17.	<p>a) Normalmente sou firme na busca dos meus objetivos.</p> <p>b) Eu procuro fazer o que for necessário para evitar tensões.</p>
18.	<p>a) Posso deixar outras pessoas manterem seus pontos de vista, caso isso faça com que se sintam felizes.</p> <p>b) Deixarei as outras pessoas vencerem em alguns de seus pontos se elas deixarem eu vença em alguns dos meus.</p>
19.	<p>a) Eu procuro discutir minhas questões e preocupações abertamente.</p> <p>b) Eu procuro adiar uma questão para conseguir um tempo para pensar no assunto.</p>
20.	<p>a) Eu tento resolver as nossas diferenças imediatamente.</p> <p>b) Eu procuro encontrar uma combinação justa de perdas e ganhos para nós dois.</p>
21.	<p>a) Ao negociar, tento ser atencioso em relação aos interesses da outra pessoa.</p> <p>b) Eu sempre me lanço em uma discussão direta do problema.</p>
22.	<p>a) Eu tento achar um meio-termo entre a minha posição e a da outra pessoa.</p> <p>b) Eu imponho minhas vontades.</p>
23.	<p>a) Eu estou freqüentemente preocupado em satisfazer todas as nossas vontades.</p> <p>b) Existem momentos onde eu deixo que outros assumam a responsabilidade de resolver os problemas.</p>
24.	<p>a) Se o ponto de vista da outra pessoa parece ser muito importante para ela, tentarei realizar suas vontades.</p> <p>b) Eu tento convencer a outra pessoa a aceitar um acordo.</p>
25.	<p>a) Eu procuro mostrar ao outro a lógica e os benefícios do meu ponto de vista.</p> <p>b) Ao negociar, tento ser atencioso em relação aos desejos e necessidades da outra pessoa.</p>

26.	a) Eu proponho um meio-termo. b) Quase sempre estou preocupado em satisfazer todos os nossos interesses.
27.	a) Algumas vezes evito adotar posições que podem criar controvérsias. b) Posso deixar outras pessoas manterem seus pontos de vista, caso isso faça com que se sintam felizes.
28.	a) Normalmente sou firme na busca dos meus objetivos. b) Frequentemente procuro a ajuda de outras pessoas para encontrar a solução para um problema.
29.	a) Eu proponho um meio-termo. b) Eu penso que nem sempre vale a pena me preocupar com diferenças.
30.	a) Eu procuro não ferir os sentimentos dos outros. b) Eu sempre compartilho o problema com o outro, assim podemos chegar a uma solução.

ANEXO 3: Teste de Satisfação Social

Prezado Sr(a),

Esta pesquisa faz parte da conclusão do curso de Pós-graduação em Psicologia Social com orientação em Ontopsicologia da Universidade Estatal de São Petersburgo – Rússia.

Todas as informações serão mantidas em sigilo e usadas exclusivamente para esta pesquisa.

Agradecemos sua valiosa colaboração.

Pesquisador: Marcelo Girade Corrêa – m9gc@yahoo.com.br

Nome:

Instruções:

Marque, para cada afirmação, o valor da própria percepção em relação aos diversos aspectos da vida segundo a escala de 1 a 5, onde:

1. Plenamente satisfeito
2. Muito satisfeito
3. Difícil dizer
4. Muito insatisfeito
5. Plenamente insatisfeito

	Estou satisfeito(a) com...	1	2	3	4	5
1	...o relacionamento com minha mulher (marido) / namorada (namorado)					
2	...o relacionamento com meus pais					
3	...o relacionamento com meus filhos					
4	...o relacionamento com meus parentes					
5	...o relacionamento com meus amigos					
6	...o relacionamento com o sexo oposto					
7	...o relacionamento com os colegas de trabalho					
8	...o relacionamento com meu chefe ou superior					
9	...a minha formação					
10	...o meu nível de preparação profissional					
11	...a minha área de atuação profissional					
12	...o trabalho em geral					
13	...a minha situação econômica					
14	...o lugar em que moro					
15	...a maneira como passo o tempo livre					
16	...a minha posição social					
17	...a minha condição física					
18	...a minha condição psico-emocional					
19	...a minha capacidade de trabalho					
20	...a minha maneira de viver em geral					

ANEXO 4: Questionário para avaliação da escala de maturidade pessoal em resolução de conflitos

**RESOLUÇÃO DE CONFLITOS
QUESTIONÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO**

Prezado Sr(a),

A presente pesquisa faz parte da conclusão do curso de Pós-graduação em Psicologia Social com orientação em Ontopsicologia da Universidade Estatal de São Petersburgo – Rússia.

Todas as informações serão mantidas em sigilo e usadas exclusivamente para esta pesquisa.

Agradecemos sua valiosa colaboração.

Pesquisador: Marcelo Girade Corrêa – m9gc@yahoo.com.br

DADOS BIOGRÁFICOS

1. Nome:

2. Idade:

3. Estado Civil:

4. Formação Acadêmica:

5. Nível de Escolaridade:

6. Profissão:

7. Empresa ou organização em que trabalha:

8. Há quanto tempo trabalha na organização / empresa:

9. Função ou cargo que ocupa:

10. Há quanto tempo:

11. Trabalhou em outra organização / empresa?

12. Durante quanto tempo:

13. Quais funções ou cargos exerceu:

14. Avalie a sua dificuldade de resolução de conflitos de acordo com o contexto indicado,

a) Família – 1 2 3 4 5

b) Trabalho – 1 2 3 4 5

c) Negócios particulares - 1 2 3 4 5

d) Amigos – 1 2 3 4 5

e) Pessoas do sexo oposto – 1 2 3 4 5

onde 1 significa BAIXA dificuldade e 5 indica ALTA dificuldade:

Nas afirmações a seguir, marque aquela que mais se aproxima da sua forma de agir ou pensar

15.

a) É inevitável que eu me responsabilize por resolver os conflitos derivados da minha relação com o ambiente em que estou situado (família, trabalho, amigos, negócios etc).

b) Me sinto responsável por resolver os conflitos derivados da minha relação com o ambiente em que estou situado somente nas ocasiões em que eu tenha iniciado a situação de divergência.

16.

a) Em uma situação de conflito, devemos defender, a todo custo, os princípios morais e éticos.

b) Em uma situação de conflito, os princípios morais e éticos devem ser pensados a partir dos interesses e necessidades dos indivíduos e do contexto em que estão em relação.

17.

a) Uma das principais causas dos conflitos mal-resolvidos é o fato das pessoas pensarem em si mesmas em primeiro lugar.

b) Conflitos mal-resolvidos acontecem porque as pessoas deixam de pensar em si mesmas, em primeiro lugar, para atender o que é importante para o outro.

18.

a) A contraposição com o outro é necessária e gera um conhecimento maior de mim mesmo nas situações de conflito.

b) Desde que o outro esteja consciente das oportunidades de crescimento geradas em uma situação de conflito, é possível um ganho de conhecimento de si próprio.

19.

a) A *primeira* regra para se resolver um conflito de forma criativa e positiva deve ser o respeito às questões morais e éticas do contexto em que se está inserido.

b) A *primeira* regra para se resolver um conflito de forma criativa e positiva deve ser o respeito aos próprios interesses e necessidades.

20.

a) Os conflitos nos quais me envolvo são ocasiões naturais motivadas pelas minhas ações e necessidades.

b) Os conflitos nos quais me envolvo são ocasiões que poderiam ser evitadas caso os outros compreendessem melhor minhas ações e necessidades.

21.

a) Conflitos são estímulos de inteligência que nos desafiam a criar soluções que geram vantagem para nós mesmos e para o contexto em que nos encontramos.

b) Conflitos são positivos desde que não gerem bloqueios para alcançarmos nossos objetivos.

22.

a) Em uma situação de conflito, o outro representa uma ameaça entre meus interesses e a realização dos mesmos.

b) Em uma situação de conflito o outro representa uma oportunidade entre meus interesses e a realização dos mesmos.

23.

a) A solução de um conflito deve preservar primeiramente o coletivo antes do individual.

b) A solução de um conflito deve ser pensada, em primeiro lugar, a partir da preservação dos interesses do indivíduo e, só então, como esses interesses podem se alinhar com os interesses da coletividade.

24.

a) Em grande medida, os conflitos nos quais não obtenho um resultado positivo são aqueles onde não fui capaz de me adaptar às exigências da situação e das pessoas envolvidas.

b) Em grande medida, os conflitos nos quais não obtenho um resultado positivo são aqueles onde a situação e as pessoas não permitem uma solução de bom senso.

25.

a) A paz social só pode ser alcançada na medida em que os indivíduos, nas suas realidades particulares, resolvem a si mesmos de forma criativa e de acordo com seus projetos de vida.

b) A paz social só pode ser alcançada na medida em que os indivíduos priorizam, primeiramente, a paz coletiva para, só então, serem capazes de resolverem a si mesmos de forma criativa e de acordo com seus projetos de vida.

26.

a) Posso solucionar melhor meus conflitos na medida em que compreendo o modelo jurídico-social em que atuo e como meus interesses podem ser satisfeitos nesse contexto.

b) Posso solucionar melhor meus conflitos na medida em que o contexto social e jurídico em que atuo está estruturado para que os indivíduos satisfaçam seus interesses.

27.

a) O primeiro responsável por resolver o conflito em que me vejo envolvido sou eu mesmo.

b) A responsabilidade primeira pela resolução do conflito em que me vejo envolvido é daquele que inicia a situação de divergência.

28.

a) É comum a sensação de ter pouco controle sobre o resultado final quando estou envolvido(a) em uma situação de conflito.

b) Em situações de conflito, tenho a firme sensação de que posso encontrar uma solução benéfica para mim e para o outro lado ou para o contexto em que estou inserido, resolvendo a divergência com ganhos para todos.

29.

a) O conflito com o outro e com o ambiente em que estou em relação é inevitável, na medida em que sou responsável por resolver minhas diferenças como condição para me desenvolver e satisfazer meus interesses.

b) O conflito pode ser evitado, uma vez que para me desenvolver e satisfazer meus interesses não é necessário o confronto com o outro.

30.

a) Cada situação de conflito exige um critério diferente de solução, baseado sempre no que é prioritário para cada indivíduo.

b) Conflitos, de forma geral, devem ser sempre resolvidos com base nos valores sociais, garantindo o melhor para todos.

31.

a) Não posso me sentir responsável por resolver um conflito caso a provocação tenha partido do outro.

b) Mesmo que não tenha provocado a situação, me sinto responsável por qualquer conflito que diga respeito a mim.

32.

a) Em uma situação de conflito, o outro é a minha maior referência de adaptação e aprendizado.

b) Desde que haja o mínimo de bom senso e boa vontade do outro lado, é possível o aprendizado e a adaptação.